



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**MAGNA BATISTA DOS SANTOS**

**DO GUERREIRO DOS SERTÕES AO BANDIDO SANGUINÁRIO: UMA ANÁLISE  
DOS PROCESSOS REFERENCIAIS EM NARRATIVAS DE SERTANEJOS DA  
REGIÃO DO PAJEÚ**

SERRA TALHADA - PE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**MAGNA BATISTA DOS SANTOS**

**DO GUERREIRO DOS SERTÕES AO BANDIDO SANGUINÁRIO: UMA ANÁLISE  
DOS PROCESSOS REFERENCIAIS EM NARRATIVAS DE SERTANEJOS DA  
REGIÃO DO PAJEÚ**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como requisito obrigatório para conclusão do curso e obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Ludmila da Silva Ranieri.

SERRA TALHADA – PE

2018

Com base no disposto na **Lei Federal Nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998 [...]. Autorizo para fins acadêmicos e científicos a UFRPE/UAST, a divulgação e reprodução TOTAL, desta monografia intitulada **Do guerreiro dos sertões ao bandido sanguinário: uma análise dos processos referenciais em narrativas de sertanejos da região do Pajeú**, sem ressarcimento dos direitos autorais, da obra, a partir da data abaixo indicada ou até que a manifestação em sentido contrário de minha parte determine a cessação desta autorização.

---

Assinatura

---

Data

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S237g Santos, Magna Batista dos

Do guerreiro dos sertões ao bandido sanguinário: uma análise dos processos referenciais em narrativas de sertanejos da região do Pajeú / Magna Batista dos Santos. – Serra Talhada, 2018.

72 f.: il.

Orientadora: Thaís Ludmila da Silva Ranieri  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências, apêndice e anexo.

1. Lampião – 1900-1938. 2. Cangaceiros. 3. Processos referenciais.  
I. Ranieri, Thaís Ludmila da Silva, orient. II. Título.

CDD 400

**MAGNA BATISTA DOS SANTOS**

**DO GUERREIRO DOS SERTÕES AO BANDIDO SANGUINÁRIO: UMA ANÁLISE DOS  
PROCESSOS REFERENCIAIS EM NARRATIVAS DE SERTANEJOS DA REGIÃO DO  
PAJEÚ**

Monografia apresentada e aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_ .

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Thaís Ludmila da Silva Ranieri (UFRPE/UAST)  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Bruna Lopes Fernandes Dugnani (UFRPE/UAST)  
(Examinadora 1)

---

Profa. Dra. Dorothy Bezerra da Silva Brito (UFRPE/UAST)  
(Examinadora 2)

A Margarida Batista e Leonilson Santos, meus pais, por tudo e tanto.  
COM AMOR, DEDICO!

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que sempre foi minha base para conseguir todos os meus objetivos.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, na qual sempre recebi toda assistência necessária para minha formação.

Em seguida, à minha orientadora Prof. Dra. Thaís Ranieri pela sua paciência, dedicação e competência na difícil área da orientação.

Aos professores da UFRPE/UAST, por toda dedicação ao ministrar suas aulas, sempre repassando o melhor de si.

À banca examinadora por aceitar está aqui presente e por toda contribuição dada ao meu trabalho.

À PROGEST e à CAPES, pelo auxílio acadêmico e financeiro concedido para que eu pudesse financiar meus estudos durante todo o período de graduação.

Aos meus eternos e grandes incentivadores, meus pais, Margarida Batista e Leonilson Santos. Sem eles, nada seria possível.

Ao meu companheiro e amigo Luciano Paz de Brito, em quem encontro apoio, motivação e inspiração.

Aos meus tios maternos, Antônio Batista e Leônidas Batista, que sempre me ajudaram no que se fazia necessário.

A minha irmã, Clara Batista que sempre caminhou ao meu lado, inclusive na área de letras, me incentivando e encorajando sempre.

A minha grande amiga e colaboradora direta na pesquisa, Izabel Cristina, e a seus pais, pelo acolhimento em seu lar.

As minhas amigas e impulsionadoras, Pollyana Gomes e Maria Janete, figuras de grande importância na minha vida acadêmica.

A minha amiga Maria de Lourdes (Mary), por estar sempre presente durante todo o período de graduação, amizade essa que pretendo levar para a vida.

As minhas amigas e incentivadoras, Beatriz Santos e Moniza Mendes por tudo que foi feito por mim.

Às professoras Leidyane Souza e Mônica Lira, pelo grande apoio dedicado a mim, em especial no meu período de estágio, me ajudando no que se fazia necessário.

À gestora Girlene Maria Pereira de Carvalho pelas oportunidades a mim concedidas no âmbito educacional, sempre confiando em meu trabalho e no meu potencial.

A todos os moradores das zonas rurais Carro Quebrado, Caititu e Mariri pelo acolhimento em seus lares e disponibilidade em fazer parte do *corpus* dessa pesquisa, sem eles sua realização não seria possível.

Ao ex-presidente, o Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, por tanto que contribuiu para a educação no Brasil, inclusive oportunizando àqueles que até então não tinham a chance de chegar até o ensino superior.

Agradeço a todos que me incentivaram diretamente e indiretamente em mais uma etapa da minha vida.

A todos o meu muito obrigado!

*"São os usos que fundam a língua, e não o contrário. Falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir com efeito de sentido pretendido em uma dada situação."*

*Luiz Antônio Marcuschi*



## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise dos processos referenciais em narrativas do cangaço contadas por sertanejos da Região do Pajeú. No que diz respeito à fundamentação teórica, adotamos como abordagem teórica sobre o cangaço brasileiro as discussões de Conrado (1983), Cunha (1979), Dutra (2011), Gomes (2008), Hobsbawm (1978) e Maciel (1988); quanto à discussão sobre referenciação, adotamos Andrade (2008), Brait e Souza-e-Silva (2012), Cavalcante (2005), Dubois (2003), Koch (2004), Mondada (2005), Marcuschi (2007/2012) e Lima (2008). Esta investigação se construiu a partir de gravações, em que foi possível identificar a reconstrução de memórias discursivas do rei do cangaço, como Lampião é chamado por muitos. O *corpus* do trabalho se constitui de 7 entrevistas realizadas com os moradores mais antigos das localidades de Caititu, Mariri e Carro Quebrado, na região do semiárido de Pernambuco. Por fim, percebemos que o referente Lampião é construído e reconstruído a partir de processos referenciais presentes em narrativas de sertanejos da região do Pajeú, e que nelas é possível identificar um sujeito apadrinhado pelos moradores das localidades em destaque.

**Palavras-Chave:** Lampião; Processos Referenciais; Narrativas Sertanejas.

## ABSTRACT

This paper has the objective to make an analyze of the referential processes in narratives about the cangaço told by countryside people from the Pajeú Region. In relation to theoretical fundamentals, we adopt as approach about the brazilian cangaço the discussions of Conrado (1983), Cunha (1979), Dutra (2011), Gomes (2008), Hobsbawm (1978) e Maciel (1988). Concerning the discussion about referenciation, we choose Andrade (2008), Brait e Souza-e-Silva (2012), Cavalcante (2005), Dubois (2003), Koch (2004) Mondada (2005), Marcuschi (2007/20012) e Lima (2008). This research was constructed from recordings, in which it was possible to identify a reconstruction of discursive memories of the king of the cangaço, as Lampião is called by many people. The *corpus* of this work was built of 7 interviews with the oldest inhabitants of the localities of Caititu, Mariri and Carro Quebrado, in the semiarid region of Pernambuco. Finally, we realize that the Lampião referent is constructed and reconstructed from referential processes present in countryside people narratives of the Pajeú region, and that in them it is possible to identify a subject patronized by the inhabitants of the highlighted localities.

**Key-Words:** Lampião; Referential Processes; Countryside Narratives.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	14
1. Historiando o cangaço .....	14
1.1 A Trajetória de Virgulino Ferreira no cangaço.....	14
1.2 A constituição do cangaço em terras nordestinas .....	16
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>24</b>
<b>2. Construção textual e referenciação em perspectiva discursivas.....</b>	<b>24</b>
2.1 Discutindo texto em suas vertentes comunicativas.....	24
2.2 A influência da contextualização em práticas discursivas	
2.3 Processos referenciais nas construções discursivas .....	28
2.4 Elementos Influentes na construção de referentes .....	32
2.5 A importância ideológica em processos referenciais.....	34
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>37</b>
<b>3. Considerações sobre a metodologia aplicada na coleta de dados e o ambiente de pesquisa .....</b>	<b>37</b>
3.1 Metodologia utilizada na pesquisa.....	37
3.2 Ambiente de pesquisa.....	43
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>45</b>
<b>4. Análise das narrativas .....</b>	<b>45</b>
4.1 O cangaço nas narrativas dos moradores de Caititu, Mariri e Carro Quebrado. ....	45
4.2 Lampião, rei da valentia, herói do sertão: a construção discursiva de Lampião nas narrativas dos moradores de Caititu, Mariri e Carro Quebrado.....	47
<b>Considerações finais .....</b>	<b>51</b>
<b>Referências .....</b>	<b>53</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>55</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>71</b>

## INTRODUÇÃO

A construção do referente Lampião, o rei do cangaço, instiga a atenção de muitos, principalmente por causa da sua enigmática vida e pelos processos referenciais que a compõem. A figura de Virgulino Ferreira da Silva tornou-se algo construído e discutido através de discursos o que são capazes de criar um só indivíduo, mas com particularidades totalmente distintas, em certos momentos, nos impossibilita perceber que estamos falando da mesma pessoa. Tais construções obedecem a critérios singulares, critérios esses moldados através de influências ideológicas, sejam elas, as religiosas; políticas e/ou sociais, as quais são capazes de representar o meio do enunciador.

O discurso propagado acerca da figura discursiva “Lampião” divide opiniões de tal forma, que nos cabe interpretar de que maneira se dá a construção textual, assim como a referencial, em construções discursivas, a fim de buscar tais manifestações em narrativas sertanejas, por acreditar ser o mais próximo da realidade do cangaço brasileiro. Ora, mesmo tendo em vista um “guerreiro dos sertões” e um “bandido sanguinário”, vertentes já tão discutidas, nos interessa aqui compreender o apadrinhamento político direcionado a Virgulino Ferreira.

Ver no cangaço uma resposta a um sistema opressor, uma espécie de “banditismo social”, o qual se tornou a única chance de sobrevivência de um povo marcado por injustiças ou uma intervenção cruel de bandidos em pleno sertão nordestino, no qual quem manda é quem fala por último, criando leis próprias e desumanas, constroem um mesmo sujeito em vertentes tão opostas que dificulta a compreensão total dos indivíduos que compuseram tal movimento. Lampião, por exemplo, representa tais características de forma enigmática. Baseados em tal fato, buscamos as influências políticas por trás do acolhimento do cangaceiro e de seu bando em regiões “protegidas”.

A construção que aqui buscamos baseia-se na memória dos falantes, uma vez que dificilmente teríamos contato com indivíduos que conviveram com algum cangaceiro ou pelo menos tenham vivido na época de suas atuações. Por tal motivo, nos deteremos a construções tradicionalmente repassadas há gerações acerca da figura lampionica. Pelos depoimentos, nos é comprovado que os locais em destaque realmente serviam como rota de cangaceiros, assim como algumas das residências da localidade, nas quais Lampião mantinha grandes vínculos de amizade. Por esse motivo, mesmo depois de décadas, a memória do cangaço ainda se mantém

viva e tradicionalmente propagada, já que para os falantes mais antigos, grande parte das informações sobre o tão enigmático cangaceiro também chegou até eles através de seus avós e pais, ou seja, através de discursos tradicionalmente propagados, construídos de suas memórias. Foi através de narrativas sertanejas, construções discursivas de quem descreve um Lampião baseado em memórias tradicionalmente construídas e reconstruídas e repassadas entre gerações que buscamos compreender um pouco a construção desses discursos, quais elementos linguísticos são utilizados pelos entrevistados para construir Virgulino Ferreira em seus pontos de vistas. Ou seja, o presente trabalho consiste em compreender as construções discursivas que remetem à figura lampionica, analisando narrativas sertanejas a fim de identificar elementos linguísticos e construções oracionais capazes de construir um indivíduo politicamente apadrinhado.

Vale ressaltar que não temos como objetivo delimitar um referente, e sim analisar as construções por trás dos processos referenciais utilizados nos discursos propagados. Assim, buscamos tais informações em zonas rurais da cidade de Triunfo-PE, especificamente na localidade dos sítios Mariri e Carro Quebrado, ambos municípios de Triunfo-PE, a aproximadamente 20 km da cidade pela PE: 232. O local foi assim escolhido por historicamente servir de frequente rota de cangaceiro, inclusive do próprio Lampião.

Dessa forma, o presente trabalho terá a seguinte organização: o 1º capítulo intitulado como “Historiando o Cangaço” será composto por discussões acerca do cangaço, a fim de mostrar parcialmente seus conceitos e seus contextos, tendo como protagonista a figura do “Rei do cangaço”, abordando sua vida e sua história. Essa discussão está organizada em duas seções, intituladas como: “A Trajetória de Virgulino Ferreira no cangaço” e “A constituição do cangaço em terras nordestinas”. Busca-se subsídios em autores como: Dutra (2011); Gomes (2008); Hobsbawm (1978); Conrado (1983); Cunha (1979); Lira Neto (2008); Maciel (1988) e Mello (2004).

O segundo capítulo, intitulado como “Construção textual e referenciação em perspectiva discursivas”, o qual será composto por cinco subcapítulos, eles são: “Discutindo texto em suas vertentes comunicativas”; “A influência da contextualização em práticas discursivas”; “Processos referenciais nas construções discursivas”; “Elementos Influentes na construção de referentes” e “A importância ideológica em processos referenciais”.

Este capítulo será destinado à construção textual, enfatizando a oralidade. Buscaremos compreender “texto” enquanto sua construção discursiva, abordaremos a comunicação através de textos orais, a fim de compreender o uso da língua em construção textual por trás dos discursos. Buscaremos contribuições em autores como: Brait e Souza-e-

Silva, Maria Cecília. (2012); Cavalcante (2013); Koch (2003/2004). Marcuschi (2007/2012).

Também discutiremos a forma pela qual se dá a construção de processos referenciais na propagação de discursos, enfatizado seus elementos construtivos, como por exemplos, os ideológicos, partindo para um cunho político. Buscaremos arcabouços em autores como: Andrade (2008); Cavalcante e Lima (2005/2013); Ciulla (2003); Koch (2003/2004); Lima (2008) e Marcuschi (2007).

## CAPÍTULO I

### 1. HISTORIANDO O CANGAÇO

Falar do Cangaço é falar de Virgulino Ferreira da Silva, o que não configura um processo fácil, principalmente levando em consideração as diversas vertentes que constroem sua figura discursiva, o que dificulta a seleção de uma vertente teórica que subsidie esse percurso discursivo e histórico. Aqui nos cabe situar quanto à construção histórica e discursiva que estabelece o cangaço brasileiro, visando abordar as influências por trás de tal movimento, inclusive a política.

#### 1.1 A Trajetória de Virgulino Ferreira no cangaço

A entrada de um rapaz simples no cangaço, oriundo de uma família humilde já marcada pelas injustiças da época foi um grande marco no século XX, estendendo-se até a atualidade. Conquanto, é necessário desmistificar a ideia de que Lampião seria o pioneiro do cangaço brasileiro. Registros dão conta da presença do cangaço já no século XIX, de onde emerge a figura de Sebastião Pereira, conhecido Sinhô Pereira, líder de um dos maiores grupos do cangaço brasileiro, figura de grande respeito e responsável, mais tarde, pela nomeação de Lampião como líder do bando de cangaceiros atuantes, fato que se deu apenas quando Lampião tinha 25 anos, isso após demonstrar grande agilidade em uma batalha liderada pelo até então chefe do bando e do qual o jovem rapaz fazia parte desde o ano de 1917. Em 04 de junho de 1922, Virgulino entra oficialmente como líder do bando e conseqüentemente do cangaço.

Retomando o percurso de Lampião, percebe-se que a vida de cangaceiro não surgiu com tal nomeação, antes o jovem rapaz já fazia uso de suas habilidades. Filho de José Ferreira da Silva e de Maria Lopes, tinha outros sete irmãos (quatro homens e três mulheres). Nascido em 1898, no sítio Passagem das Pedras, município de Vila Bela (atualmente Serra Talhada - PE), além da agricultura, junto ao seu pai e seus irmãos, Virgulino desenvolvia o ofício da almocrevaria <sup>1</sup>, em muitos estados do sertão nordestino. Pequenos proprietários rurais, Lampião e sua família sofriam diversas afrontas pela prosperidade em seus negócios,

---

<sup>1</sup> 1. Profissão de almocreve

2. Carregamento transporte de mercadoria feito por almocreve; recovagem.

principalmente de José Saturnino, o qual era responsável por frequentes desavenças envolvendo, inclusive, terras, tornando-se assim o principal rival da família Ferreira. Saturnino foi um dos principais responsáveis por imigrações indesejadas da família, resultando na morte de Dona Maria Lopes, mãe de Virgulino. Mais tarde, 30 dias após velar sua mãe, seu pai foi cruelmente assassinado em frente à sua casa pela Polícia alagoana, representada por José Lucena no ano de 1921.

Marcado pelas grandes perdas, Virgulino decide vigiar-se daqueles que tanto o fizeram mal, junto com seus irmãos Antônio, Ezequiel e Livino, vê no cangaço uma forma de concretizar sua sede de vingança, sendo a desavença maior com Zé Saturnino e Zé Lucena. Surge assim o cangaceiro mais respeitado do sertão nordestino, automeado como: “O govenador do sertão”.

Quando nomeado por Sinhô Pereira, líder de um bando de cangaceiros. Emerge ali mais do que um líder, ficando mais tarde conhecido como o “Rei do Cangaço”. Em 1926, Lampião já tinha recebido a patente de Capitão do Exército Brasileiro, recebendo a missão de perseguir a Coluna Prestes. Mais tarde, em 1930, entra no bando uma nova integrante, Maria Gomes de Oliveira, depois conhecida como Maria Bonita. Essa se entregou ao bando após um convite de Lampião de seguir a vida no cangaço ao seu lado, como sua mulher. Nascida em março de 1911 no sítio Caiçara, Paulo Afonso – BA, era filha de José Gomes de Oliveira e Maria Joaquina Conceição Oliveira. Separada de um casamento com um primo com o qual havia se comprometido quando ainda tinha 15 anos, agora com 18 anos seguia a vida ousada ao lado do amado. Dessa união nascera Expedita Ferreira, única filha do casal, que foi criada por um casal, fora do cangaço.

Atuante em diversas batalhas por todo sertão nordestino, Lampião liderou diversos ataques e combates, vivendo em meio ao bando que comandava. Vida essa registrada em fotografias e filmagens produzidas por Benjamim Abrão a partir de 1936. Uniu ousadia e cautela em suas ações durante dezesseis anos, sendo oito desses ao lado de sua companheira, Maria Bonita. Finalizando suas ações na madrugada da quinta-feira do dia 28 de julho de 1938, na Grota do Angico em Poço Redondo – SE, em uma emboscada comandada pelo capitão João Bezerra, a qual matou 11 cangaceiros do seu grupo, incluindo o próprio Lampião e Maria Bonita que, posteriormente, tiveram suas cabeças degoladas e expostas na escadaria da prefeitura da cidade de Piranhas-AL.

Ora, mesmo depois do episódio que vitimou o atual líder do movimento, o cangaço ainda se mantinha vivo, com menos intensidade, mas vivo por meio de Corisco, o Diabo Loiro, cangaceiro de extrema confiança de Lampião que, em uma tentativa insana de vingança,



tentou por dois anos vingar as mortes dos membros do bando, isso até a sua morte em Brotas de Macaúbas, na Bahia. Estava decretado o fim do cangaço.

Lampião! Grito de dor, brado de guerra, chocalhar de dentes de tanto pavor, chispa de ódio, gemido de desalento, esturro de vaidade, lampejo de ambição, grandeza de valentia – signo de uma época, fim de uma era. (BARROS, 2007, p. 79 apud DUTRA, 2011, p. 1).



Imagem I: Cabeças cortadas de membros do **bando de Lampião**, incluindo a dele e de sua parceira, Maria Bonita. Eles foram mortos em uma emboscada em Poço Redondo, Sergipe. Em sequência, foram expostas como troféu na escadaria da Prefeitura de Piranhas, no estado de Alagoas, sendo o evento o marco para o fim dos tempos áureos do Cangaço. Foto de 1938 (Autor desconhecido/Acervo Sociedade do Cangaço).

## 1.2 A constituição do cangaço em terras nordestinas.

Oriundo de uma época administrada pelo coronelismo, para alguns o cangaço brasileiro surge como uma resposta de não aceitação ao que era imposto. A submissão do povo, aliada às desigualdades e explorações, dava aos coronéis um tipo de poder real que por serem donos de praticamente todas as terras, manipulavam aqueles que precisavam do espaço para sobreviver.

[...] mundo em que só imperava o absolutismo do grande fazendeiro mandão e político, promovido naturalmente a „Coronel”, teúdo e manteúdo pela força dos cabras – os cangaceiros mansos e pelo reforço da fiadora de seu prestígio político – a polícia. Essa última, aliás, o único sinal do Governo naquelas brenhas (MACIEL, 1988, p. 35).

O cangaço teve grande visibilidade a partir da participação de Lampião no movimento, que diante o não cumprimento das leis optou por afrontar as autoridades. Naquela época, a “justiça” era feita com as próprias mãos, seguindo “leis” próprias e a vingança era tida como a única forma de “lavar a honra” e defender interesses dos poderes regionais. Assim, o movimento podia ser classificado em dois tipos: aquele originário de vingança e o tido como „meio de vida”, o que pode ser visto como uma resistência ao sistema ou atos de dominação local. Assim:

“O cangaceiro nordestino é, na maioria dos casos, um simples herói abortado, ou às avessas” (BARROSO, 1930, p. 11). Assim, seriam „almas primitivas” as quais, se bem aproveitadas pelos governantes, trariam grandes vantagens para o crescimento regional. Sobre Lampião, ele deu seu parecer: „Lampião é uma vítima o seu meio” (IDEM, p. 94 apud DUTRA, 2011, p. 31).

Entretanto, vale ressaltar que o cangaço não se mantinha sozinho, uma grande parcela da população apoiava os atos de Lampião e seu bando e esse apoio vinha de sertanejos carentes, que via no movimento a única forma de sobrevivência, bem como partiam de pessoas de grande influência, como políticos e coronéis, que muitas das vezes mantinham com essas pessoas intensos laços de amizade.

Também contribuía com esse movimento os grandes fazendeiros, coronéis e políticos, assim como também recebiam apoio dos que não tinham tanta influência, como os pequenos proprietários de terra e vaqueiros da região. Para a polícia, as pessoas que acobertam o bando de Lampião recebiam o nome de “coiteiros” e também se tornavam diretamente ou indiretamente responsáveis pelos atos do grupo.

Na vida arriscada que os cangaceiros levavam, mesmo com tamanha agilidade, não se podia contar apenas com a sorte, a religiosidade era muito frequente na rotina do bando. Mesmo levando uma vida, para muitos, inconsequente e maldosa, o temor a Deus era evidente, atos religiosos eram realizados pelos cangaceiros, como por exemplo, pedidos de proteção em suas batalhas, tal amparo era solicitado através de orações como: o terço e o ofício de Nossa Senhora, as quais são representatividade viva da crença e valores religiosos do povo sertanejo, de modo que a busca por essa proteção, para o cangaceiro, era uma forma de “fechar seu corpo” para seus inimigos. A crença de Lampião o movia, o alimentava e o tornava para muitos um símbolo de devoção. Um ser temido por muitos, mas que se curvava a Deus em

busca de proteção das tentações do satanás, representava para povo sertanejo um ícone da religiosidade.

[...] os sertanejos caatingueiros, fizeram enveredar seus filhos e filhas pela religiosidade. A inculcação da fé se fazia ainda na tenra idade, quando havia a obrigatoriedade de rezar em família, diariamente (geralmente ao amanhecer e ao anoitecer), do terço e do ofício, etc. (SOUZA, 2004 p. 24 apud LIMA, 2008, p. 87).

A agilidade de Lampião é algo incontestável, seus princípios e ideias podem dividir opiniões, mas sua inteligência não. A imortalidade à Lampião foi dada antes mesmo de sua morte, suas histórias eram propagadas em folhetos de cordéis vendidos em feiras locais, difundindo toda uma cultura para muitos, esquecida. Sem dúvidas, o cangaço deu uma visibilidade ao sertão até então desconhecido e possibilitou através da complexidade existente por trás desse rei sem coroa a vida e a cultura do sertão nordestino, evidenciando seus desafios e sua força, tal força pode ser parcialmente compreendida em:

Ser „cabra macho” requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade, o mole não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes. Há, pois, uma tradição de narrar atitudes de violência na produção cultural popular. O crime do pobre parece exercer um fascínio sobre a massa de homens dominas e submetidos a relações de poder as mais discricionárias possíveis; a virilidade do dominador é a reafirmada. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 288 apud DUTRA, 2011, p. 3).

O rei do cangaço, o governador do sertão, o capitão do bando, a figura de um sertanejo simples que ganhou o mundo e traz em sua imagem a força do povo sertanejo, que como Euclides da Cunha evidencia em sua obra *Os sertões*, “O sertanejo é antes de tudo um forte”. Força essa descrita na agilidade e inteligência em meio à necessidade de sobreviver. Ora, “A índole do nordestino é, normalmente, humilde, pacífica e cordata. É um sujeito bonachão, alegre e divertido, embora duro e rude em suas maneiras. Mas quando resolve dizer não, o nordestino vira leão e grita sua revolta na cara da minoria opressora”, afirma o texto da jornalista Vera Ferreira, neta de Lampião, no site oficial que mantém sobre o avô.

[...] foram gerados pelo esperma da força e do poder incontável do coronel, fecundados no óvulo altamente fértil da pobreza, carência e injustiça social daqueles atrasados tempos, foram as fêmeas que pariram esses deserddados da sorte (COSTA, 1994, p. 22 apud LIMA, 2008, p. 51)

Tratar Lampião como “produto de meio” é uma das vertentes utilizadas para entender suas ações, levar em consideração a forma prematura pela qual Virgulino Ferreira foi lançado em um mundo movido pelo coronelismo, injustiças e precariedades seja uma maneira de entender a forma como levou sua vida. Fruto da terra seca, filho de sertanejos pobres e

injustiçados por aqueles que mantinham o poder exclusivamente em suas mãos ele vê no cangaço uma forma de liberta-se das injustiças ou pelo menos vigar-se delas. Dai surge sua magnitude, sendo que:

Neste mundo de despotismo incrível, Lampião foi o paradoxo, a demasia, a culminância de tudo. Não há ficção que lhe chegue às alpercatas. Um super-homem na resistência, uma inteligência calculista e fulgurante, uma coragem impar, um carisma eficaz no trato social, uma diplomacia atapetada de sedução para com possíveis aliados, uma vontade ferro alongada em agulha de bússola exclusiva na orientação moral de toda uma vida. (MELLO, 1993, p.35-36 apud DUTRA, 2011, p. 136-137).

Sertanejo sem instrução, e até então sem “apadrinhamento” político é marcado pelas mortes injustas dos pais, torna-se evidente que não havia muitas escolhas. Ágil por natureza, sempre demonstrou resistência, característica pertinentes daqueles que são obrigados a criar suas próprias oportunidades. Araújo apud Lira Neto (2008) diz que “Lampião não era um demônio nem um herói, era um cangaceiro”. Castro(1976) traz em suas palavras um pouco dessa relação entre Lampião e seu meio:

O cangaceiro que irrompe como uma cascavel doida desde monturo social significa, muitas vezes, a vitória do instinto da fome - fome de alimento e fome de liberdade - sobre as barreiras materiais e morais que o meio levanta. O beato fanático traduz a vitória da exaltação moral, apelando para as forças metafísicas a fim de conjugar o instinto solto e desadorado. Em ambos, o que se vê é o uso desproporcional e inadequado da força - da força física ou da força mental - para lutar contra a calamidade e seus trágicos efeitos. Contra o cerco que a fome estabelece em torno desdás populações, levando-as a toda sorte e desespero. (CASTRO, 1976 p. 233, apud DUTRA, 2011, p. 28).

A busca ao que está ao seu alcance, como formas de sobrevivência, torna-se a única saída para os cangaceiros, característica que compõem a construção do homem sertanejo. Cunha (1979, p. 110) traz uma pequena explanação sobre essa formação:

A seleção natural, em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicadíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando inexoravelmente a vitória das expansões intuitivas e visando ao ideal de uma adaptação que tem, como conseqüências únicas, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral. A aclimação traduz uma evolução regressiva. (CUNHA 1979, p. 110)

Ora, tratar suas ações como respostas da vida que lhe fora imposta e suas habilidades como autodefesa ao que lhe afrontava torna viável interpretar a figura do cangaço sob uma ótica menos imperativa. Mello (2004, p. 43) faz a seguinte observação acerca da ocupação e da formação do homem sertanejo:

No início o sertanejo não conheceu feitor que lhe orientasse o serviço, nem fiscal que lhe exigisse o cumprimento estrito de tarefas; não conheceu cerca que lhe barrasse o caminhar solto e espontâneo; não sofreu o disciplinamento da proximidade do patrão e muito menos a ação coercitiva do poder público. (MELLO 2004, P. 43).

A violência imposta àqueles que demonstram resistência não é algo novo. Observa-se a violência empregada aos índios pelos colonizadores em 1500, posteriormente disseminados aos negros, na escravidão, e as quais são representatividade clara da vida que era imposta àqueles que não tinham encolhas. Tal colonização entendeu-se até o povo sertanejo, destinados a sobreviver às margens da elite, composta pelos coronéis, que tinham em suas mãos todo o poder. Com isso, não é de se estranhar, que, por traz de toda a violência empregada na “colonização do Sertão”, surgisse a figura do sujeito destemido, que andava por todo o sertão, o qual conhecia muito bem afrontando o coronelismo e criando leis próprias e contrárias ao que era imposto.

[...] menino ainda [...] já me empolgava com os fatos narrados sobre essa legendária figura, pintada não com as cores de um bandido desumano, porém como as de um justiceiro o que, desacreditado na lei dos homens, porque ele próprio fora por ela injustiçado, infiltrou-se pelos sertões brasileiros, impondo a justiça ao seu modo (CONRADO, 1983, p.17).

Dessa forma, se faz possível enxergar a violência sertaneja como uma resposta dos sucessivos abusos existentes. Mello (2004, p. 64) faz dialogar com a violência tida como colonial, mas que representa com fidelidade a sertaneja, aqui em debate.

Uma vez canalizada para a violência, a energia humana permanece gerando violência ainda por muito tempo, mesmo quando os inimigos naturais que foram responsáveis pelo seu surgimento já não existem [...] Quanto mais demorada tenha sido a fase cruenta de um processo de colonização, tanto mais duradoura se mostrará, via de regra, a permanência dos hábitos violentos numa fase em que racionalmente já não mais se justificam. (MELLO 2004, P. 64).

Para muitos, Lampião é a representatividade mais fiel da resistência sertaneja, não necessariamente pelos atos sanguinários, mas pela sua coragem, agilidade e determinação. Características reais de um povo marcado por lutas pela sobrevivência. Cunha relata características singulares do espaço sertanejo:

E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono. Depois tudo isso se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfixiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas – o espasmo assombrador da seca. (CUNHA, 1979, p. 63).

Sem recursos para lutar, a única resposta possível dos sertanejos era torcer por um representante “nosso” que sabia exatamente os medos, os desafios e os inimigos do povo sertanejo e se só lhe restasse à violência, que esse fosse o método utilizado. Ora, a grande maioria daqueles que enfrentam os opressores do estado são considerados vítimas ou até mesmo heróis, criando leis próprias e contraria ao que é imposto. “[...] „nossa” lei-costumes, inimizades de sangue, ou qualquer outra – contra a lei „deles”, e a „nossa” justiça contra a justiça dos ricos” (HOBSBAWM, 1978, p. 25). Para o autor:

[...] a „carreira” do bandido começa, quase sempre, com um incidente que em si não é grave, mas que o coloca fora da lei: uma acusação policial que visa mais a ele, pessoalmente, do que a punição de um crime: falso testemunho, erro judiciário ou intriga, uma condenação injusta a domicílio (confinio), ou uma condenação considerada como injusta (HOBSBAWM, 1978, P. 25).

Para muitos uma saída desesperadora, para outros, a única, o que inspira admiração e respeito. Um rei sem coroa, um governador sem instrução e um capitão sem patente, mas que conseguiu fazer histórias em terras sertanejas, por muitos, esquecidas. “Capitão Virgulino Ferreira Lampião, Governador do Sertão”, assim como se assinava, propunha cuidar do sertão nordestino à sua maneira:

Senhor Governador de Pernambuco

Suas saudações com os seus.

Faço-lhe esta devido a uma proposta que desejo fazer ao senhor para evitar guerra no sertão e acabar de vez com as brigas... Se o senhor estiver no acordo, devemos dividir os nossos territórios. Eu que sou Capitão Virgulino Ferreira Lampião, Governador do sertão, fico governando esta zona de cá, por inteiro, até As pontas dos trilhos em Rio Branco. E o senhor, do seu lado, governa do Rio Branco até a pancada do mar no Recife. Isso mesmo. Fica cada um no que é seu. Pois então é o que convém, Assim ficamos os dois em paz, nem o senhor manda os seus macacos me emboscar, nem eu com os meninos atravessamos a extrema, cada um governando o que é seu sem haver questão. Faço esta por amor à Paz que eu tenho e para que não se diga que sou bandido, que não mereço. Aguardo a sua resposta e confio sempre.

Capitão Virgulino Ferreira Lampião, Governador do Sertão.

(MACIEL, 1988, P. 154)

Virgulino Ferreira considerava-se conhecedor do território nordestino, não só no que dizia respeito à sua extensão territorial, mas também às suas necessidades. Nativo do semiárido nordestino, sentia na pele o sol quente, a escassez de água e as injustiças feitas à um

povo marcado pelas precárias condições de sobrevivência. Cunha se faz bem pertinente em definições destinadas a esse povo marcado pelas precariedades nordestinas. Cita: “É um homem permanentemente fatigado [...] Entretanto, toda esta figura de cansaço ilude” (CUNHA, 1979, p. 108). Ou ainda: “O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo”. (CUNHA, 1979, p. 120).

Para uns a única esperança, para outros uma grande ameaça, Virgulino colecionava amigos e inimigos na mesma intensidade, dos que queriam sua cabeça para aqueles que o acoitavam em suas próprias residências.

O fato é que para muitos a presença de Lampião era bem vista, o apadrinhamento concedido ao cangaceiro, inclusive o político representava uma grande importância pra a manutenção do cangaço brasileiro. Tal apadrinhamento pode ser notado com a ligação existente entre o cangaceiro e Padre Cicero Romão, no qual o falante 1 expõem: “Ele era católico, meu padim Ciço gostava dele.” que além de representatividade religiosa, estabelecia grande influência política da época, ligação essa que consiste em peça chave para a manutenção do cangaço da época. Lima (2008) sobre o assunto traz:

Para a polícia, havia dois tipos de coiteiros. O primeiro era constituído pelos fazendeiros, negociantes ou chefes políticos, que ajudavam lampião por precaução. Enviavam-lhe o dinheiro que pedia, ou lhe forneciam mantimentos, para proteger suas propriedades. o segundo tipo era formado de vaqueiros, moradores e outras pessoas que tinham pouca influência. Entre estes, estavam os donos de pequenas e médias propriedades, assim também como lojistas e comerciantes dos povoados. Lima (2008-39)

Os primeiros coiteiros expostos caracterizavam-se pelo apadrinhamento político, que assim como Padre Cícero, o Sr. Lucas Donato (figura bem lembrada pelos falantes) estabelecia forte relação entre o cangaceiro. Chandler, 1980 esclarece que:

Este grupo não contava com a compreensão da polícia, principalmente se esta suspeitava de que estavam dando informações falsas na área em que estavam os cangaceiros. Se procediam assim porque gostavam de Lampião, ou porque o temiam, era um dilema que fazia pouca diferença para a polícia (Chandler, 1980, p. 190) – Apud: LIMA, 39 - 2008)

Ainda sobre a perspectiva do jornalista, no que se diz respeito a essa ligação, nota-se:

Lampião praticava também outras espécies de generosidade. Era conhecido como sendo muito liberal para com seus coiteiros. Quando entrou pela primeira vez na Bahia fez muitos favores às pessoas com quem simpatizava, comprando-lhes bebidas, mandando presentes nos casamentos, e, demonstrando, de todos os modos,

que era gentil. De vez em quando, distribuía a mercadoria de uma loja que acabara de saquear. [...] Destas demonstrações de caridade, deduz-se que eram atos limitados e pessoais, condizentes com as concepções comuns da natureza humana. Em resumo, houve alguns atos espontâneos de caridade, motivados pela compaixão e pelo sentimento alheio. Houve também atos de generosidade, que parecem ter sido programados para conseguir a amizade e a lealdade das pessoas de quem ele estava necessitando. Talvez não tenha sido mera coincidência de que a maior parte destas generosidades tenha ocorrido nos seus primeiros anos na Bahia, quando estava montando uma rede de apoio para organizar o cangaço, sem a qual não teria tido a possibilidade de sobreviver (CHANDLER, 1980, P.231-32 - APUD LIMA 202 0 2008).

Bom ou ruim, santo ou demônio, rei ou bandido, um fato é que estamos falando de um mito, uma figura emblemática. Para Hernani Heffner, professor de cinema da PUC-Rio. Apud Gomes et al. (2008, p.16). Diz: “O cangaceiro é um personagem que se enraíza na história, mas que consegue se descolar dela. Por isso se transformou em um mito”, ou ainda:

Essa visão minuciosa sobre o mito foi retomada em filmes mais recentes, como *Baile perfumado* (1997), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira, que mostra a decadência de Lampião pouco tempo antes de sua morte. Sobre a permanência da atração cultural pelo tema, o pesquisador afirma: „O cangaceiro é um personagem que se enraíza na história, mas que consegue se descolar dela. Por isso se transformou em um mito. O mito pode servir para qualquer discurso, sobretudo quando você tem valores positivos para associar a ele. O cangaceiro é o justo, o corajoso, quando a situação propicia a isso. Quando não, ele simplesmente aplica a lei dele, que é a lei do direito natural” (GOMES. Et.al, 2008, p. 19).

Concluído esse arcabouço histórico, nos deteremos em seguida a buscar embasamentos competentes visando compreender como se dá a construção discursiva em termos textuais e referenciais o referente Lampião. No que se diz respeito à Virgulino Ferreira, o que buscamos aqui não é classificá-lo com bandido ou herói, vertentes já tão discutidas, nem tampouco tratá-lo como “produto do meio” ou “mito”, uma vez que, classificá-lo com unanimidade pode acarretar erros, já que há diversas vertentes que o constroem. No entanto, baseado nos relatos histórico (tanto os oficiais, quanto os não) podemos perceber que nenhum discurso é isento de posicionamentos. Por fim, trouxemos aqui um pouco de sua história, apenas com o intuito de situar o leitor sobre o referente trabalhado, uma vez que nos deteremos apenas a sua vida de atuação no sertão nordestino, enfatizando seu apadrinhamento político. Dessa forma, buscaremos em narrativas sertanejas fragmentos que comprovem sua ligação com o cunho político, discutindo linguisticamente tais aparições.



## CAPÍTULO II

### **2. CONSTRUÇÃO TEXTUAL E REFERENCIAÇÃO EM PERSPECTIVA DISCURSIVAS.**

Serão aqui discutidos sob uma abordagem discursiva, trabalhos com o “texto” e suas dimensões, visando à compreensão da produção textual enquanto prática oral, atentando-se aos processos referenciais construídos ao longo de narrativas. Tendo em vista a importância de ressaltar a função social do texto numa perspectiva sociointeracionista, na qual o texto “é tomado como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção de sentidos e das referências dos textos” (MARCUSCHI, 2012, p. 90). Assim, o texto constitui-se como uma “(re) construção do mundo”.

#### **2.1 Discutindo texto em suas vertentes comunicativas.**

O homem em sua natureza humana se comunica por meio de textos, alguns extensos (livros, artigos), outros mais curtos (avisos, bilhetes), ou até mesmo por meio do texto oral, o que acontece diariamente. Contudo, é importante salientar que a discussão acerca do que é ou não um texto ganhou profundidade na década de 80, anterior a isso, assumiam-se concepções que não davam conta do texto em si, apenas partes isoladas dele. Assim, teóricos e pesquisadores começaram a voltar suas atenções para o texto, o qual passou a ser observado como um todo, e não como um constructo composto de partes isoladas. Assim, surgem as primeiras definições de texto.

Embora a distinção entre o que um texto e um não texto seja algo inato, a sua definição, no entanto, é algo muito complexo. Segundo Marcuschi (2012, p. 90), “o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua”. Logo, deve-se tratá-lo como pertencente a uma ciência intuitiva, onde serão formuladas hipóteses acerca dos fenômenos textuais, posto que “o texto é uma entidade concreta e atual” (MARCUSCHI, 2012, p. 90), a qual manifesta-se diariamente entre os indivíduos.

As discussões acerca do texto não se esgotam em apresentar sua composição, uma vez que o texto não é uma simples sequência de enunciados, é mais que isso, “o texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego linguístico numa ocorrência comunicativa” (MARCUSCHI,

2012, p. 90).

Dessa forma, “o texto seria um evento comunicativo em que atuam ações linguísticas, cognitivas e sociais” (MARCUSCHI, 2012, p. 90). Assim, entende-se que a produção textual se dá por meio da linguagem verbal e não verbal, bem como há a necessidade de o sujeito possuir conhecimento inferencial para construir informações implícitas no texto. Marcuschi nomeará esse processo de inferenciação, de modo que “o referente não é dado, mas construído na interação. Dai a opção de chamar esse processo de referenciação, de modo a evidenciar seu caráter processual” (MARCUSCHI, 2012, p. 90).

No que se diz respeito à construção textual, é comum ouvir a distinção entre o texto oral e o escrito, não apenas no que se diz respeito a sua estrutura, mas classificando-o como normativo ou não, o que pode implicar num equívoco. Através da produção oral é possível detectar a realização discursiva, tão complexa e relevante quanto à escrita. Marcuschi (2007, p. 68) explica que:

Parece hoje bastante sensato defender que norma e sistema não são critérios bons para distinguir entre o oral e o escrito, pois é empiricamente inadequado defender que a escrita é normativa e a fala não é normativa. Basta observar povos sem escrita para ver que há também neles níveis diferenciados de linguagem e realização discursivas tidas como mais ou como menos elaborados. (MARCUSCHI 2007, P. 68).

No que se diz respeito à dualidade composta pela a oralidade e a escrita, percebe-se em ambas há a construção de atividades comunicativas sólidas, intimamente ligadas às práticas sociais, capazes de construir e reconstruir todo um universo comunicativo e interacional das atividades humanas. Dessa forma, a oralidade torna-se a prática mais eficaz no que se diz respeito à interação humana, através dela é construído o meio no qual o sujeito falante está inserido. Marcuschi (2007, p. 36), expõe:

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação á racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. Isto se dá de modo particular porque a língua é socialmente moldada e desenvolvida, não obstante seu provável caráter filogeneticamente universal, como postulam muitos linguistas e psicólogos. (MARCUSCHI 2007, P. 36).

Tendo a construção de um mundo físico e relações sociais, se tece construções ou significações da realidade das formas e dos sentimentos das práticas discursivas ligados diretamente à produção textual. Assim, o texto vai bem além do que aparenta ser, suas construção e compreensão estendem-se em vertentes bem mais abrangentes, ou seja, vai bem

além de sua estrutura, mergulha no contexto social no qual o texto está inserido, dessa forma:

O sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende somente da estrutura social em si mesma (daí a metáfora do texto como um iceberg). Os objetos de discurso a que o texto pressupõe da parte do leitor/ ouvinte conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos e, orientando-se pelo princípio da Economia, não explica as informações consideradas redundantes. (KOCH, 2003 P. 30).

Trabalhar com discurso é discutir texto, é buscar explicações para o mundo através de produções textuais seja elas escritas e/ou orais. A produção textual se dá pela produção de discurso, que permite ao falante traduzir o mundo em que vive através da busca de produções, compreensões e argumentações textuais. Assim, “o discurso não é apenas o que traduz as lutas, mas aquilo por meio de que se luta, por aquilo que se luta” (FOUCAULT apud BRAIT E SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 47).

Compreender texto, nas suas dimensões, também se faz necessário para se conseguir entender contextos sociais indispensáveis para a construção dos indivíduos. Gerd Antos, apud Brait e Souza-e-Silva (2012, p. 129) esclarece:

Textos são, linguística, conceitual e percentualmente, formas de cognição social, e seu papel, no contexto da evolução do conhecimento, é o de construir-se em ponto de partida e de chegada para a ancoragem da Linguística Textual no quadro de uma teoria da evolução cultural. (GERD ANTOS, APUD BRAIT E SOUZA-E-SILVA 2012, P. 129).

Discutir é produzir, é pensar de forma concreta. Produzir texto é produzir opiniões, já que, segundo Bakhtin: “Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento” (BAKHTIN apud BRAIT E SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 9). Assim, é de suma importância compreender que não há como entender o pensamento do indivíduo, sem a presença de uma produção textual. O texto permite compreender não apenas o discurso propagado, mas todo o contexto que o envolve, através do texto, se faz possível compreender papéis sociais que contribuem para a construção social do espaço em que se vive. Dessa forma, através do contexto discursivo é possível compreender não só o texto, mas a enunciação e conseqüentemente o enunciador.

[...] O sentido não está escrito apenas na superfície textual, mas depende também da dimensão discursiva, ou melhor, interdiscursiva: “enunciar certos significantes implica significar o lugar de onde nós os enunciamos e sobre tudo o lugar de onde não os enunciamos” (MAINGUENEUS apud BRAIT E SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 183).

## 2.2 A influência da contextualização em práticas discursiva

O contexto é um elemento indispensável não só na construção textual, mas se faz indispensável para sua compreensão. O contexto no qual se propaga um discurso está intimamente ligado a quem o propaga, dessa forma, as ideologias do indivíduo estão intimamente ligadas ao texto produzido. Bakhtin apud Brait e Souza-e-Silva (2012, p.9) traz a seguinte observação sobre texto e contexto: “O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo”. Dessa forma, nota-se como o “texto nasce”, quando/como se faz necessário, sendo assim, propagado de forma interacional entre os enunciadores e interlocutores. Por consequência, o “contexto” funciona como “base” da produção textual, assim Koch (2003, p. 24), expõe:

O contexto, de forma como hoje é entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o co-texto, como uma situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. Ele engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal. [...]. (KOCH 2003, P. 24).

Tratar o texto como algo “vivo”, que movimenta-se, adapta-se, transforma-se e que é capaz descrever o mundo, com suas mutações e individualidade é uma possibilidade de compreender sua importância no contexto social do indivíduo.

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto), Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizando que esse contato é um contato dialógico entre textos... Por trás desse contato esta um contato de personalidades e não de coisas (BAKHTIN, apud BRAIT E SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 137).

Dessa forma, é necessário compreender que o texto está intimamente ligado à oralidade e à atividade comunicativa. A língua é o principal instrumento na construção textual, seja ele oral e/ou escrito. Sob esta perspectiva, “ao analisarmos alguns aspectos da relação entre a língua falada e a língua escrita ficou claro que cada modalidade tem suas especificações, embora não sejam polares nem dicotômicas” (MARCUSCHI, 2007. p. 49 - 50).

Por este fator, é muito importante as manifestações textuais-discursivas na construção social do indivíduo, os quais podem e devem fazer uso de todas suas ideologias diariamente construídas e moldadas, construções essas provenientes de contextos singulares em que cada

indivíduo vive ou apenas sobrevive, assim tendo a fala como elemento de construção linguística.

[...] Englobar na fala todas as manifestações textuais-discursivas da modalidade oral, bem como englobar na escrita todas as manifestações textuais-discursivas da modalidade escrita, o que nos permite entender a reflexão para aspectos discursivos e comunicativos que exorbitam o plano do meramente oral ou grafemático. Neste sentido, os termos: fala e escrita passam a ser usados para designar formas de atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código. Trata-se muito mais de processos e eventos do que de produtos (MARCUSCHI, 2007, p. 26).

Sob este enfoque, percebe-se que é possível a formação e organização da sociedade através da língua e suas manifestações, originando assim a formação social do indivíduo, na qual é possível construir seu entorno através produção textual.

A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete de boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala (MRCUCHI. 2007 p. 35).

Portanto, o texto pode ser visto como ferramenta de construção se sentido, elemento crucial que é capaz de construir um universo sociocognitivamente através dos interlocutores que constrói os discursos.

O sentido de um texto é, portanto, construído da interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista e essa interação. Também a coerência deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução. Vêm a construir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos (KOCH, 2002, p. 17).

Tomando como base as colocações postas por Koch, assume-se que o texto é uma entidade de interação entre sujeitos sociais e, portanto, carecem de contextualização para serem compreendidos, mais que isso, é na interação entre os sujeitos que se estabelecem os sentidos do texto.

### **2.3 Processos referenciais nas construções discursivas**

Em atividades de construção de objetos-do-discurso se faz necessário o uso do fenômeno da referenciação, que consiste na construção de sujeitos, buscando discutir o mundo, contextualizando, fundamentado e categorizando através de discursos. Ora, a referenciação remete a uma atividade discursiva, na qual os referentes passam a ser objetos-do-discurso, que consiste naqueles sujeitos que são interativamente e discursivamente

construídos por práticas sociais. Daniele Dubois, (2003) em *Referenciação* traz o seguinte:

Em outros termos, falaremos de referenciação tratando-a, assim como a categorização, como advindo de práticas simbólicas mais que uma ontologia dada. Como diz Rastier, a referenciação não diz respeito a “uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado” (DUBOIS, 2003, p.20).

Assim, constrói-se um referente a partir das concepções que o indivíduo apropria-se acerca do objeto contemplado. A partir dessa construção ou reconstrução da figura desejada, tem-se a imagem de algo ampliado, ou seja, o discurso assume outras proporções. Dessa forma, constrói-se e representa-se discursivamente o mundo e seus objetos e para isso buscam-se atribuições sociolinguísticas e interacional de linguagem para que sejam possíveis essas construções, as quais são possíveis através da interação. Vale a ressalva de que esses discursos passam por influências do ponto de vista cultural, social e física, sendo, portanto, embasadas por uma série de elementos construtivos.

Essas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo. Mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo. (DUBOIS, 2003, p.20).

Compreender que o mundo comunicativo e a línguas estão intimamente ligados pelo discurso e que esse processo é sempre resultado de ações intersubjetivas diante da realidade do mundo nos ajuda a compreender que a língua possibilita entender o mundo, já que tudo que propagamos discursivamente contribui para a construção de referentes sociais. Dessa forma, assume-se a língua como sendo uma ação social de grande relevância nas atividades comunicativas. Ora, são essas atividades humanas, cognitivas e linguísticas, que estruturam e dão sentido ao mundo.

Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso. Isso significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas ou sobre objetos a priori do mundo, nós nos propomos reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, construindo individualmente e socialmente as entidades. (DUBOIS, 2003, p.20).

A perspectiva que se adota ao propagar um discurso influência diretamente na

construção do (s) referente (s). Os processos referenciais estarão intimamente ligados à construções e categorização do algo. Em outras palavras, não apenas discute-se um referente, mas cria-se da forma que, discursivamente, atenda às expectativas individuais. Tais expectativas são criadas cognitivamente e embasadas em apropriações discursivas oriundas das relações sociais, culturais e linguísticas. Sobre o processo de referenciação é importante entender que:

Ela [a referenciação] não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em cursos dos enunciados. (MONDADA apud, BRAIT e SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 130).

Partindo da criação desse objeto no mundo, o qual é referenciado pelo discurso e se estabelece durante os processos comunicativos, evidencia-se que sua produção se dá no momento da enunciação. Dessa forma, a interação presente na enunciação permite construções de processos referenciais de forma que todo o contexto discursivo deve ser levando em consideração, isso porque há várias possibilidades de construir e reconstruir as versões públicas do mundo através da língua. Para Koch: 2004 p. 59. “Referir é, portanto, uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação espetacular língua-mundo [...]”.

Sob esta ótica, salienta-se que o sujeito não se configura apenas enunciativo, mas também social, sendo, portanto, influenciado pela convivência que estabelece, seja do ponto de vista e, social, cultural ou histórica do indivíduo. Ora, “a referenciação dos objetos de discurso articula-se com a maneira como o locutor, enunciador se posiciona sem eu discurso” (BRAIT e SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 135).

Em *Fundamentos para o Ensino da Leitura e da Escrita*, Geralda de Oliveira Santos Lima apresenta discussões acerca do fenômeno de referenciação, do qual extraiu-se que:

[...] podemos observar que os falantes, de uma dada língua, designam seres, objetos, fatos, com nomes que no geral são compartilhados pela comunidade que os usa, pois todos aprenderam esses nomes dentro das mesmas experiências de vida. Dessa forma, as categorias são muito mais modelos socioculturais do que modelos mentais, tendo em vista seu processo de constituição (MARCUSCHI, 2005). Nesse sentido, não se toma a língua em termos de um sistema, mas de uma ação social. Para Mondada, numa abordagem que considera a primazia das práticas linguísticas e interacionais conceitualmente postas em ação pelos atores sociais, “a língua não pode mais ser definida como espaço lógico e abstrato de possibilidades, pré-existentes à ação e que a ação apenas atualizaria” (MONDADA, 1995, apud MARCUSCHI, 2005, p. 71). (LIMA, 2008, p. 58).

Retomando o pensamento da autora, entende-se que a língua não é formada via sistemas, mas pelas ações sociais. Assim, construímos nossos discursos baseados no contexto social no qual o indivíduo está inserido, de modo que o discurso torna-se resultado daquilo que se vive socialmente, ou seja, a apropriação discursiva é “produto do meio”. Em meio a essa interação, a construção de objetos sociais através do discurso, possibilita ao interlocutor, buscar maneiras de materializar (discursivamente) o referente desejado. Dessa forma, o discurso possibilita variações em sua enunciação, que dependem diretamente do contexto que são realizados. Assim:

Tais variações no discurso poderiam ser interpretadas como dependentes da pragmática da enunciação, mais que da semântica dos objetos. Neste caso, elas deveriam afetar os objetos sociais, mais que os objetos psíquicos, cuja semântica poderá ser considerada como escapamento á ideologia como mais precisa, estável, senão até ligadas a valores de verdade. De fato, argumentar-se-á não somente que não é nada disso, que os objetos sociais não são um desvio do modo “normal” de referir, mas que, de modo simétrico, trata-se de considerar a referência aos objetos do mundo psíquico e natural, no âmbito de uma concepção geral do processo de categorização discursiva e cognitiva tal como eles são observáveis nas práticas situadas dos sujeitos. (DUBOIS, 2003, p. 23).

Levando em consideração aspectos linguísticos e categorizados, se faz viável entender que “a variação e a concorrência categorial emergem notavelmente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações das situações, dos atores e dos fatos” (DUBOIS, 2003, p.25).

Assim, o referente que discute-se aqui é um objeto, ou seja, uma representação construída a partir do texto ou discurso e compreendida, geralmente, a partir do uso de expressões referenciais como por exemplo, por meio do uso de anáforas, o que é discutido em Brait e Souza-e-Silva (2012, p.134):

Evidencia-se, pois, o importante papel da referenciação por meio de expressões nominais (definidas e indefinidas), das anáforas indiretas e do encapsulamento por regulação (anáforas ou catafórica) na produção do sentido e na orientação argumentativa dos textos. (BRAIT E SOUZA-E-SILVA 2012, P.134).

Dessa forma, entende-se que os referentes configuram-se como conteúdos “nominais”, noções que, quando são elaboradas linguisticamente, têm natureza substantiva. Por essa razão, as expressões referenciais, em grande parte, são sintagmas nominais, a exemplo disso tem-se a expressão “O rei do cangaço”.

[...] quer se trate de objetos sociais ou de objetos “naturais”, observa-se que o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência para as categorias pode ser “deategorizado”, tornando instável, evoluir sob o efeito de uma mudança



de contexto ou de ponto de vista. [...] As categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discursões, controvérsias, desacordos. (DUBOIS, 2003, P.26-27-28).

Neste sentido, a referenciação, na concepção de Mondada e Dubois ([1995] 2003, apud LIMA, 2008, p 23.), “é uma atividade discursiva de tal modo que os referentes do discurso não são dados apriorísticos do mundo ontológico, mas objetos-de-discurso.” Assim é possível construir e reconstruir o referente a partir da categorização desses objetos, de modo que:

A variabilidade das categorizações sociais mostra que há sempre, por exemplo, muitas categorias possíveis para identificar uma pessoa ela pode ser igualmente tratada de “antieuropéia” ou de “nacionalista” segundo o ponto de vista ideológico adotado; diacronicamente, um “traidor” pode-se tornar-se um “herói”. (DUBOIS, 2003, p.22-23).

Em suma, a ideia de indicialidade da linguagem e do discurso é capaz de quebrar a ilusão de dar uma descrição única e estável do mundo e enfatiza sua dependência contextual, na qual se torna variável a partir do discurso propagado, ou seja, os processos referenciais dependem do discurso enunciado, e por quem constrói discursivamente esses referentes.

#### **2.4 Elementos Influentes na construção de referentes.**

Discutir processos referenciais é trabalhar produção discursiva, sendo que pode-se analisar “uma atividade discursiva, de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não realidades independentes” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p.173 Apud. LIMA, 2008, p.137-138). Ora, reproduz-se discursivamente aquilo que nos rodeia socialmente e constrói-se referentes baseados na visão que se cria sobre tais referentes, antes mesmo de discursar sobre ele, ou seja, os objetos são construídos antes de serem propagados. Segundo Marcuschi (2005 p: 52) Apud: Lima, (2008, p. 143). Diz: “A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos”. Ou ainda, sob a perspectiva de Cavalcante (2013 p. 113).

O processo de referenciação pode ser entendido como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos á medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido (s). (CAVALCANTE, 2013 P. 113).

Assim sendo, o contexto no qual o indivíduo encontra-se inserido influencia

diretamente na forma pela qual esse sujeito encara o mundo e conseqüentemente na forma pela qual é construído os elementos discursivos, ou seja, “o foco das investigações não são os objetos do mundo, mas os objetos-de-discurso, ou seja, a forma como qualquer ser do mundo pode ser elaborado e apresentado no discurso” (KOCH; MARCUSCHI, 1998 Apud LIMA, 2008, p. 110-111.).

Na obra “Desvendando os segredos do texto”, Koch, traz considerações pertinentes no que se diz respeito ao trabalho com referenciação, sendo pertinente apresenta-las a seguir:

Pois bem: se o referente é fabricado pela prática social, o que dizer da atividade sócio-cognitivo-discursiva de referenciação? [...]

Assim sendo, não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, com simples representação extensional de referentes do mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagindo com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um tremo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos-de-discursos e não como objetos-do-mundo. (KOCH, 2003, PAG. 79).

É importante entender que as referências são construções sucessivas, não podendo ser considerado como algo que é moldado, pronto, é, pois, uma ação contínua de construção referencial. Para Koch e Marcuschi (1998, Apud LIMA, 2008, p 22-23), “a referência a entidades do mundo fenomênico não está pronta, mas é construída no processo de designação, na relação contextual”. Assim:

[...] tudo indica que o melhor caminho não é analisar como representamos, o que representamos nem como é o mundo ou a língua e sim que processos estão envolvidos na atividade de referenciação em que a língua está envolvida. Não vamos analisar se o mundo está ou não discretizado nem se a língua é um conjunto de etiquetas ou não. Vamos partir da idéia de que o mundo e o nosso discurso são constantemente estabilizados num processo dinâmico levado a efeito por sujeitos sócio-cognitivos e não sujeitos individuais e isolados diante de um mundo pronto (MARCUSCHI, 2004 apud CAVALCANTE – LIMA, 2005, p. 125-6).

É necessário também, compreender que a referenciação está intimamente ligada a relação que esse e o referente em questão têm dentro do mundo. Em outras palavras, a construção do referente só é possível através dos próprios processos referenciais, que consiste na imagem que cria-se do objeto em questão. Por sua vez, essa criação só é possível porque diretamente e/ou indiretamente o sujeito é influenciado por todo o contexto que envolve o sujeito em criação, assim:

A referenciação, como atividade intersubjetiva, de negociação, é „um processo de ajustamento das palavras que não se dá diretamente em relação ao referente dentro do mundo, mas no quadro contextual, a fim de construir o objeto de discurso ao curso do próprio processo de referenciação. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 33 apud CAVALCANTE – LIMA 2005, p. 184).

Falou-se até então do processo de construção discursiva, contudo, ressalta-se que esse processo é tanto cognitivo quanto social. Tomando essas construções como representação do mundo em que se vive, tem-se a língua como principal responsável por essas construções. Assim, a atividade discursiva cria e recria constantemente o meio no qual o sujeito está inserido, construindo e reconstruindo processos referenciais a fim de construir o mundo influenciado pelos próprios contextos que os envolve, seja ele físico, social ou cultura.

Na mesma linha de raciocínio, e seguindo a tese de Mondada e Dubois, Koch (2002) entende que a referenciação é uma atividade sociocognitivo-discursiva, o que significa considerar que a língua não é pura representação, ou seja, que a língua não é apenas uma forma de referir o mundo. A autora defende também que este mundo ao qual nos referimos (a realidade) se constrói, mantém-se e se altera tanto pela forma que nomeamos, quanto, e, sobretudo, por meio da nossa interação com o meio físico, social e cultural. (CAVALCANTE – LIMA 2005, p. 184).

Assim, toma-se a referenciação como uma atividade sociocognitivo-discursiva, sendo, portanto, necessário entender que ao produzir um discurso enuncivo não há apenas uma referência ao mundo, ou seja, esse mundo que é referenciado também é construído, construção essa que é influenciado por diversos critérios, inclusive ideológico.

## **2.5 A importância ideológica em processos referenciais**

Em discussões anteriores, abordou-se processos referenciais e seus referentes como uma forma de construir e reconstruir o mundo através do discurso, isso levando em consideração processos sociocognitivos. Partido deste pressuposto observa-se a importância das ideologias na formação desses discursos e conseqüentemente nesta construção e reconstrução discursiva desse objeto. Em primeira instância, é necessário entender o que são ideologias, conceito discutido por Van Dijk (2003, p. 08 apud ANDRADE, 2008, p. 82):

Assim, devemos entender as ideologias como “crenças compartilhadas socialmente e associadas às propriedades características de um grupo, como a identidade, a posição na sociedade, os interesses e objetivos, as relações com outros grupos, a reprodução e o meio natural. (VAN DIJK, 2003, P. 08 APUD ANDRADE, 2008, P. 82).

Assim, as ideologias são base na propagação de discursos e conseqüentemente na construção dos processos referenciais. Dessa forma, para discutir um referente é necessário levar em consideração as formações ideológicas que constroem um indivíduo, influenciando diretamente o seu discurso. Ligar discurso à construção referencial é vincular-se às influências ideológicas que os compõem, levando a imersão em discursos individuais-coletivos, esses geralmente propagados em grupos, os quais compartilham de ideologias semelhantes, embasados por critérios religiosos, culturais, sociais e/ou políticos. Dessa forma, entende-se que as construções referenciais compartilham ideias muito análogas ou divergentes na mesma proporção. Desse modo:

Uma das práticas sociais mais importantes que as ideologias determinam é o uso da linguagem e do discurso. Estes, por sua vez, também influenciam a forma de adquirir, aprender ou mesmo modificar as ideologias. De modo geral, nosso discurso – especialmente quando falamos como membros de um grupo – expressa opiniões como fundamentos ideológicos. Assim, pode-se afirmar que o ensaio sob análise revela a opinião do enunciatador (jornalista) sobre como Joaquim José da Silva, o Tiradentes, tornou-se “herói supremo da nação” (ANDRADE, 2008, p.82).

Faz-se necessário compreender, portanto, de onde surge o processo referencial que nos é trazido no discurso: O herói dos Sertões, que para muitos foi exatamente no que se tornou Virgulino Ferreira da Silva, e que são justamente as citadas influências religiosas, culturais, sociais e/ou políticas que constroem um referente, no qual o enunciatador carrega-se de construí-lo discursivamente e socialmente, dividindo concordâncias e rejeições. Assim:

Ainda na visão do referido linguista, o quadro teórico dos estudos sobre ideologia precisa ser multidisciplinar, já que os conceitos de ideologia e discurso não podem ser tratados de modo adequado apenas em uma disciplina: exigem uma análise em todas as disciplinas das humanidades. Entretanto, o autor trata esse grande número potencial de disciplinas em três grupos: estudo do **discurso** (aspectos relacionados ao uso da linguagem interação, comunicação), **cognição** (aspectos mentais das ideologias, como natureza das ideias e crenças, suas relações com as opiniões e o conhecimento) e **sociedade** (aspectos históricos, sociais, políticos e culturais, sua natureza baseada no grupo e seu papel na reprodução ou na resistência ao domínio). (ANDRADE, 2008, p.82)

Dessa forma, há a necessidade de considerar todo o contexto que envolve qualquer construção referencial, pois todo discurso carrega influências sociocognitiva singulares a cada enunciatador. Tudo que é defendido ou propagado é resultado de construções, as quais constroem um referente, um mundo e um indivíduo enunciatador.

Portanto, sendo a referenciação um caso geral de operação dos elementos designadores, todos os casos de progressão referenciação são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não. A determinação referencial se dá como um processamento da referência na relação com os demais elementos do co-texto (ou mesmo do contexto), geralmente num intervalo interfrástico, mas não necessariamente como retomada referencial (correferenciação). (KOCH, 2004, p. 59).

Portanto, conclui-se que referir é construir o mundo, levando em consideração as ideologias que compõe um indivíduo. E ainda, vários aspectos podem influenciar diretamente e indiretamente em tal construção, entre eles: a social, cultural, religiosa e política. Por fim, tal construção do mundo configura-se na possibilidade de dividir opiniões acerca de construções referenciais.

## CAPÍTULO III

### 3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA APLICADA NA COLETA DE DADOS E O AMBIENTE DE PESQUISA.

Nesta seção buscaremos situar o leitor quanto à forma pela qual se deu a coleta de dados, além de apresentar o ambiente em que foi realizada a pesquisa que posteriormente fora analisada. Em primeira instância buscaremos apresentar a metodologia empregada, expondo os recursos utilizados e como a mesma foi desenvolvida, posteriormente nos deteremos a considerações sobre o ambiente de pesquisa, tratando da localidade, dos costumes, de referências históricas e da população local, elemento de extrema importância para a compreensão da pesquisa.

#### 3.1 Metodologia utilizada na pesquisa

No que se diz respeito à metodologia utilizada no presente trabalho, buscamos subsídio nos autores Martin W. Bauer e George Gaskell, em um dos seus trabalhos, intitulado como: “Pesquisa qualitativa com texto imagem e som”. Procuramos aqui, a melhor forma de delimitar a presente pesquisa, abordando da melhor forma o material colhido a fim de alcançar resultados satisfatórios. W. Bauer e George Gaskell (2002, p. 119) discutem sobre “o delineamento da pesquisa: geração de dados, redução e análise” da seguinte forma:

É útil distinguir entre quatro dimensões na investigação social. Estas dimensões descrevem o processo de pesquisa em termos de combinação de elementos através das quatro dimensões. Primeiro, há o delineamento da pesquisa de acordo com seus princípios estratégicos, tais como o levantamento por amostragem, a observação participante, os estudos de caso, os experimentos e quase-experimentos. Segundo, há os métodos de coleta de dados, tais como a entrevista, a observação e a busca de documentos. Terceiro há os tratamentos analíticos dos dados, tais como a análise de conteúdo, a análise retórica a análise de discurso e a análise estatística. (W. BAUER E GEORGE GASKELL 2002, P. 119)

Baseado no exposto pelos autores, utilizaremos na esta pesquisa o segundo método, que consiste exatamente no [...] “métodos de coleta de dados, tais como a entrevista, a observação e a busca de documentos”, no qual delimitamos um público alvo e através de entrevistas semiestruturadas buscaremos construir a figura lampionica em terras sertanejas no município da cidade de Triunfo –PE.

Posteriormente nos é exposto observações acerca dos “Modos e meios de

representação: tipos de dados”, atividade de suma importância em nosso trabalho, uma vez que, manuseamos dados em nossa pesquisa, sobre o assunto os autores esclarecem que:

Neste livro, distinguimos dois modos de dados sociais: comunicação informal e comunicação formal. Além disso, distinguimos três meios, através dos quais os dados podem ser construídos: texto, imagem e materiais sonoros. A comunicação informal possui algumas poucas regras explícitas: as pessoas podem falar; desenhar ou cantar do modo que queiram. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 20 – 21)

Assim, através da comunicação informal, oriunda de narrativas sertanejas, buscamos na oralidade elementos linguísticos que nos direcionem a compreender o cunho político que fazia parte da vida de Lampião, enquanto cangaceiro.

Surge assim a necessidade de compreender como se dá a “pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa” tão bem abordada no livro: “pesquisa qualitativa com texto imagem e som”, nele é exposta a seguinte distinção entre tais pesquisas.

Tem havido muita discussão sobre as diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa. A pesquisa quantitativa lida com números usa modelos estatísticos para explicar os dados, e é considerada pesquisa *hard*. O protótipo mais conhecido é a pesquisa de levantamento de opinião. Em contraste, a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*. O protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade. (BAUER; GASKELL, 2002, p.22 – 23)

No que se diz respeito ao presente trabalho, nota-se a presença marcante de uma pesquisa qualitativa, na qual será dada ênfase a realidade social, analisada linguisticamente através das entrevistas colhidas. Dessa forma, é necessário entender que no que se diz respeito às pesquisas até aqui discutidas, é de suma importância ter conhecimento que: “Não há quantificação sem qualificação”, uma vez que:

A mensuração dos fatos sociais depende da categorização do mundo social. As atividades sociais devem ser distinguidas antes que qualquer frequência ou percentual possa ser atribuído a qualquer dimensão. É necessário ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sociais, antes que se possam medir quantas pessoas pertencem a uma ou outra categoria. Se alguém quer saber a distribuição de cores num Jardim de flores, deve primeiramente identificar o conjunto de cores que existem no jardim; somente depois disso pode-se começar a contar as flores de determinada cor. O mesmo é verdade para os fatos sociais. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 24)

Baseado no exposto fica claro que buscamos em primeira instância uma metodologia de pesquisa que fosse coerente com os nossos objetivos e com o nosso objeto de investigação.

Dessa forma, demarcamos nossas finalidades, que consistia em buscar em narrativas sertanejas do alto Pajeú processos referenciais que constroem a figura discursiva do enigmático Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião. Dai surge à necessidade de fazer um trabalho da história do cangaço nordestino buscando compreender melhor o movimento, sua origem, quais pessoas fazia parte de tal movimento e como se davam a atuação do bando em terras sertanejas, sempre visando à participação de Lampião nessa época. Buscamos nessa seção identificar quais elementos socioeconômicos, políticos e/ou religiosos influenciavam na inserção de sertanejos na vida do cangaço.

Paralelamente, desenvolvemos um levantamento teórico que ajudasse na construção de nosso aparato metodológico, assim nos deteremos a construção textual, enquanto discurso, assim como aos processos referenciais na construção discursiva, nesta seção buscaremos também, abordar os elementos Influentes na construção de referentes e não podíamos deixar de lado a importância ideológica em processos referenciais, especificamente o político. .

Em seguida, ateremos ao trabalho de coleta de dados, compuseram o corpo da pesquisa contaram com quatorze participantes, dos quais dez eram homens e quatro mulheres. Com exceção de apenas um dos entrevistados, todos tinham sua naturalidade nas zonas rurais de Mariri e Carro Quebrado, ambos os municípios de Triunfo-PE. Precisamente, todos os entrevistados mantêm residência fixa nas zonas rurais em destaque, dos quais, dez dos participantes residiam na zona rural do Carro Quebrado e três no Mariri e uma no Caititu, com exceção de uma professora aposentada, todos desenvolvem ainda a atividade da agricultura, alguns com mais intensidade, outros com menos. A faixa etária variou de 46 anos a 85 anos. Entre os entrevistados havia um semianalfabeto, oito com ensino fundamental incompleto, quatro com o 2º grau completo e dois com o 3º grau completo (sendo um desses, aposentado (a) e outro sem atuação). A presente pesquisa foi realizada em quatro dias, foram eles: dia 08/09/21/22 de Abril de 2018. Entretanto vamos nos aos entrevistados com maior idade, por enxergar neles maior aproximação histórica ao período do cangaço.

A entrevista seguirá estrutura básica, em primeira instância trataremos de uma rápida identificação do entrevistado que consistirá em: (nome; idade; naturalidade; residência; escolaridade; profissão e já saiu dessa região? Se sim, para onde e por quanto tempo?) Posteriormente, após discutir um pouco sobre o cotidiano do entrevistado, seguiremos para uma entrevista semiestruturada, direcionadas aos nossos interesses, questionamento esse que consiste em entender se: (Já ouviu falar de Lampião? Alguém já te contou alguma história sobre Lampião? Lembra-se de alguma história que já ouviu falar a respeito de Lampião? Na concepção do entrevistado quem foi Lampião? Por quê?).



Para um melhor entendimento buscaremos através de duas tabelas, a fim de expor os entrevistados da seguinte forma; a primeira será composta pelas iniciais de todos os informantes, assim como sua idade, seu sexo, sua naturalidade, sua residência, sua escolaridade, sua profissão e se já saiu da região. Na segunda, será composta apenas pelos entrevistados que será utilizado diretamente em tal pesquisa, seguindo o seguinte critério: os que apresentam maior idade, neste caso serão utilizados apenas os falantes com mais de 70 anos.

Segue as tabelas descritas:

TABELA 1: Todos os sujeitos entrevistados.

INFORMANTE	IDADE	SEXO	NATURALIDADE	RESIDÊNCIA	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	SAIU DA REGIÃO
I1: A N	56 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	3º grau	Agricultor	Não
I2: E M S L	46 anos	F	S. Mariri	S. Mariri	4ª série E.F.	Agricultora	Não
I3: E V L	59 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	4ª série E.F.	Agricultor	Sim
I4: E A S	72 anos	M	S. Mariri	S. Mariri	Semianalfabeto	Agricultor	Não
I5: I A L	56 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2º Grau	Agricultor	Sim
I6: J U S	76 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultor	Não
I7: J A N S	65 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2º Grau	Agricultor	Não
I8: J M S L	62 anos	M	São Paulo	S. Carro Quebrado	2º Grau (EJA)	Agricultor	Sim*
I9: M V S	69 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultor	Não
I10: M M S	76 anos	M	S. Mariri	S. Mariri	2º grau	Agricultor	Não
I11: M U S	82 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultor	Não
I13: M F N	85 anos	F	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultora	Não
I14: M G V S	71 anos	F	S. Caititu	S. Caititu	3º Grau	Professora	Não
I16: S A S	82 anos	F	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultora	Não

Tabela feita pela autora

TABELA 2: Sujeitos selecionados para a pesquisa.

INFORMANTE	IDADE	SEXO	NATURALIDADE	RESIDÊNCIA	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	SAIU DA REGIÃO
I1: E A S	72 anos	M	S. Mariri	S. Mariri	Semianalfabeto	Agricultor	Não
I2: J U S	76 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultor	Não
I3: M M S	76 anos	M	S. Mariri	S. Mariri	2º grau	Agricultor	Não
I4: M U S	82 anos	M	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultor	Não
I5: M F N	85 anos	F	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultora	Não
I6: M G V S	71 anos	F	S. Caititu	S. Caititu	3º Grau	Professora	Não
I7: S A S	82 anos	F	S. Carro Quebrado	S. Carro Quebrado	2ª série E.F.	Agricultora	Não

Tabela feita pela autora

O público selecionado se deu pela proximidade dos entrevistados com Lampião e seu bando, tanto no que se diz respeito ao ambiente, já que através de constatações identificamos que o local em questão já foi umas das principais rotas do bando, quanto, pelos laços existentes entre os sertanejos entrevistados e os cangaceiros, em especial o próprio Lampião com influências políticas da região.

Neste grupo, desenvolvemos conversas cotidianas, espontaneamente levadas até histórias de nosso interesse, através de videograções com duração de 10min à 30 min, registamos conversas bem naturais nas próprias residências dos entrevistados. Buscando compreender suas visões a cerca do rei do cangaço e quais são os motivos que levam a tal concepção. Sobre os dados colhidos em tais conversas nos vinculamos a ideia que:

[...] os dados que podem ser analisados, tendo como procedimento de coleta uma entrevista, são inúmeros e o produto verbal transcrito é um dos possíveis recortes desses dados. Dessa forma, temos optado, atualmente, por utilizar as expressões informações advindas da entrevista, dados advindos da entrevista, verbalizações advindas das entrevistas, ao invés da expressão a entrevista foi transcrita e analisada, pois, como apontamos, muitas podem ser as informações transcritas, de natureza verbal ou não-verbal, e muitos podem ser os dados a serem analisados (MANZINI, 2006, p. 371. Apud MANZINI, 20??, p. NP)

Posteriormente buscaremos transcrever parcialmente sete das dezesseis narrativas coletadas, nelas enquanto pesquisadores, não nos interessa apenas a transcrição em si, ou os dados apresentados nela, mas quais elementos linguísticos são utilizados para construir o referente, enquanto seu apadrinhamento políticos, para isso será utilizados apenas fragmentos das narrativas selecionadas, ou seja, quais processos referenciais são utilizados na construção da figura lampionica, em contextos políticos através de narrativas de sertanejos que vivenciaram diretamente ou indiretamente períodos de atuações do cangaço brasileiro. No momento da transcrição levamos em consideração a relação existente entre o pesquisador e o que será transcrito, assim:

O pesquisador, no momento da transcrição, vai distanciar-se de um fato vivido - que foi o processo de coleta - ao mesmo tempo em que revive esse fato em outro momento e com outro enfoque intencional. Neste momento, olha-se para aquilo que foi feito. Apesar de ser a mesma pessoa que entrevistou e que está transcrevendo, o enfoque, agora, é diferente. No primeiro – a coleta – o enfoque era o presente, na ação de entrevistar. As respostas, explicações, argumentações e explanações do entrevistado eram o que mantinham a atenção. Na transcrição, o enfoque será naquilo que foi ou não falado, pois é isso que é feito numa transcrição: transcreve-se o que foi falado, mas pode-se perceber o que foi ou não perguntando, o que foi ou não respondido e no que está inaudível ou incompreensível. Ou seja, ao transcrever, o pesquisador irá escutar, várias vezes, as verbalizações gravadas. Será necessário, por diversas vezes, retroceder a fita magnética para escutar e reescutar pequenos trechos gravados para poder transcrever, fielmente, o que foi dito. (MANZINI, 20??, p. NP)

Nessa seção, buscaremos compreender a visão discursiva que os entrevistados têm do período que Virgulino viveu em terras triunfasses. Alguns nem nascidos ainda, buscam nas memórias tradicionalmente repassados por seus pais e avós que vivenciaram a presença de

Lampião descrevê-lo em diversos aspectos, principalmente no que se diz respeito ao seu apadrinhamento político em terras triunfasses. Por esse motivo dos entrevistados, optamos por trabalhar com os falantes de mais de 70 anos, por ter maior aproximação histórica com época do cangaço. Esse regate de memórias que construirá os relatos, os quais servirão como material de trabalho, que através de sua transcrição, poderemos construir nosso campo de pesquisa, visando que:

Como já salientou Queiroz (1983), ao apresentar sua experiência em relatos de histórias de vida, a transcrição seria uma reprodução de um documento (a gravação) num segundo exemplar (material escrito) que exiba total conformidade e identidade com o primeiro. Para o autor, a definição de transcrição indica já como preferencial a execução da tarefa pelo próprio pesquisador e traz como vantagem a oportunidade de uma “primeira reflexão sobre sua experiência”. Ao escutar a fita, o entrevistador consegue “captar a experiência sem a acuidade dos envoltórios emocionais que o contexto vivo” (entrevista) acarretava e poderá retomar a experiência para aprofundar suas observações. Dessa forma, “ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência” (QUEIROZ, 1983, p. 84. Apud MANZINI, 20?? p. NP).

Para melhor entendimento, posteriormente será apresentada uma tabela a qual utilizaremos como base nas transcrições necessárias a esta pesquisa.

<sup>2</sup>Tabela III: Normas para transcrição de entrevistas gravadas  
(PRETI D. (org) O discurso oral culto 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.)

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>EXEMPLIFICAÇÃO</b>
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	... do nível de renda ( ) nível de renda nominal..
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r )	:: podendo aumentar para ::::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção

<sup>2</sup>

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes.	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação.	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)</li> <li>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?)</li> <li>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</li> <li>4. Números por extenso.</li> <li>5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)</li> <li>6. Não se anota o cadenciamento da frase.</li> <li>7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)</li> <li>8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ol>		

### 3.2 Ambiente de pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada durante o mês de abril de 2018 nos sítios Mariri, que fica localizado na divisa dos municípios de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, Carro Quebrado e Caititu ambos no município de Triunfo no estado de Pernambuco, Brasil. Os três sítios são vizinhos, e estão localizados no vale entre a Serra da Barragem do Pinga ou Serra do Brejo como ou moradores a chamam e a Serra dos Caititus.

O sítio Mariri como já citado faz divisa entre dois municípios, por isso politicamente, metade do sítio é assistida pela cidade Triunfo e a outra pela cidade Santa Cruz da Baixa Verde. O que marca essa divisão é um pequeno riacho chamado de Riacho do Panga que corta o sítio como uma barreira natural e política. O nome do sítio, segundo as pessoas mais idosas da região se deu por conta de um índio da tribo dos Cariris que passou por essas terras e se

chamava Mariri. O sítio tem aproximadamente 76 famílias que tem sua maior renda concentrada na agricultura e pecuária, principalmente da plantação de milho e feijão de corda para consumo próprio. Algumas pessoas trabalham nas cidades próximas (Triunfo, Serra Talhada, Flores, entre outras cidades vizinhas), mas voltam ao sítio no final da tarde. O sítio também conta com pequeno grupo escolar no lado de Santa Cruz do Sítio, mas que foi desativado há anos e uma pequena capela.

O Sítio Carro Quebrado que era chamada de Sítio Oiticica ficou conhecido por esse nome quando um grande carro de boi quebrou na localidade e não foi removido ou consertado, assim ficou sendo um ponto de referência para as pessoas do sítio, **“'onde tu mora?' ' eu moro lá perto do carro (de boi) quebrado”**, no sítio atualmente vivem 81 famílias em sua maioria agricultores e pecuaristas, principalmente de milho e feijão e em tempos de chuvas cana-de-açúcar que já foi maior fonte de renda da comunidade que conta com cinco engenhos os quais a alguns anos devido a seca não são utilizados. Tais engenhos constituía a maior renda das localidades supracitadas, as famílias buscavam nos engenhos uma forma de evoluir financeiramente, já que, grande parte da população plantava a cana-de-açúcar e precisavam manuseá-la ao ponto de rapadura, principal renda da localidade por muito tempo.

No que se diz respeito ao Sítio Caititu, que recebe esse nome por conta de um pequeno animal chamado caititus que existia na localidade, é o menor dos três sítios citados com apenas 40 famílias habitando-o também sobrevivi da agricultura. Em todos os sítios em questão eram comuns bares, nos quais reunia inclusive os jovens aos finais de semana, tradição essa presente até os dias de hoje, no entanto com menos intensidade.

Os estudantes dos sítios tem ônibus que os levam à escola mais próxima em vila Canaã. Por ser uma terra muito fértil como água em abundancia, cada morador sempre tem no quintal de casa fruteiras nativas da região. E por ser um local de pessoas muito pacíficas e onde todos se conhecem por relação de parentes ou amizade muitas pessoas de fora ou filhos da terra que moram longe costumam comprar ou construir uma casinha para passar os finais de semana.

Em suma as comunidades se mostram bem acolhedoras, é perceptível a união entre os sítios de tal forma, que quem vem de fora fica praticamente impossível notar onde um termina e onde se inicia o outro.

## CAPÍTULO IV

### 4. ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Depois da exposição dos aspectos metodológicos e considerações sobre o ambiente iremos iniciar a análise das narrativas. Nesta subseção, tomaremos os sete sujeitos selecionados, conforme exposto na tabela 2.

#### 4.1 O cangaço nas narrativas dos moradores de Caititu, Mariri e Carro Quebrado

Caititu, Mariri e Carro Quebrado, localidades rurais da cidade de Triunfo - PE, na época, sofriam grande influência política, assim como as cidades vizinhas. A lei era representada pelo coronelismo, na qual quem tinha mais condições financeiras concentrava mais poder. A região obedecia a Lucas Donato, natural da região e de boas condições financeiras.

O Sr. Donato pertencia à família tradicional da região, além de desempenhar função política, era um homem de grandes posses e de forte influência por todo o município. Ele fazia parte da classe do coronelismo da época, também buscava proteção para a região que “comandava”, ainda estabelecia uma forte relação de amizade e proteção ao cangaceiro Lampião, que retribuía transmitindo respeito e obediência e de fazer da casa do coronel um “porto seguro” para si e para seu bando. Essa relação de proteção entre o Sr. Donato e Lampião é um dos tópicos bastante recorrentes nas narrativas dos moradores. Vejamos.

O falante 6, que é uma professora aposentada de 71 anos que exerceu a docência por mais de vinte anos na localidade, apresenta Sr. Donato como: “ele era o avó de João Clementino, tinha a casa ai, ai dava apoio a ele (...) dava apoio a ele (...)”. Outros falantes também apontaram a mesma relação estabelecida entre Sr. Donato e Lampião.

O falante 1, que é um agricultor de 72 anos, complementa: “Ele era um bichão, antigamente que tinha umas coisinhas era major, major Luca Donato. Morava no Carro ali.” E o falante 3, outro agricultor de 76 anos, finaliza: “Era conhecido, mas era do governo, Seu Luca e ele apoiava Lampião”.

O Major, assim como era conhecido, servia como ponte entre o temido cangaceiro e a população local. Segundo alguns moradores, tal ligação se dava pelo fato de Virgulino ser

afilhado do coronel, outros sujeitos viam na relação apenas um laço de grande amizade. No entanto, algo recorrente na fala de todos os sujeitos, assim como se considera tanto na tese de Lima (2008), quanto na visão do jornalista Chandler (1980) é a importância da relação existente entre Lampião e as autoridades locais. Esses autores assim como os falantes selecionados deixam claro a importante relação para a manutenção do cangaço: a proteção de Lampião por figuras ilustres da região. Podemos continuar a perceber essa relação na fala de outros sujeitos. Vejamos:

O falante 5, uma agricultora de 85 anos, ao ser questionada quem era Lucas Donato, esclarece: “Diz que ele era padrim de Lampião (...) ele vinha pra casa dele ai, diz que festa era grande, matavam um bode, porco e comia depois ia embora (...)”. Já para o falante 1, ao ser questionado da mesma forma, ele relata: “(...) ele era amigo, né? Lampião passava lá pra comer, armoçar, dormir.” E o falante 7, outra agricultora de 82 anos confirma: “Era amigo, amigo, era amigo. Ai dava dicumer a tudo, ai iam simbora”.

Percebe-se que, independente se havia parentesco ou não entre eles é perceptível em todos os relatos a presença de uma ligação de amizade entre eles. Assim como o apoio que Virgulino Ferreira recebia do coronel, o falante 4, também agricultor de 82 anos explica tal relação em: “por que ele obedecia a Seu Luca e ele nunca fez maldade aqui”. O mesmo falante conclui: “Inclusive ele carregou, não ele, o povo dele, o bando carregaram uns animal aqui de uns ti meu, ai Lampião pegou de volta e devolveu. Tudo com intermede de Seu Luca, por Seu Luca era muito amigo dele, ai ele dominava o bando.”

Dessa forma, independentemente do laço que os unia, ficou clara a relação de obediência, respeito e união existente entre os dois. O falante 3, de 76 anos, agricultor, ao ser questionado sobre quem era Lucas Donato e sua autoridade sobre Lampião, ele esclarece:

*Era conhecido, mas era do governo, Seu Luca e ele apoiava Lampião (...) por o véi Luca Donato, ele pedia que da ladeira do Tamanduá os Sacos dos Bois antigamente, não é para bulir em ninguém, correram até os inimigos dele daqui do Riacho dos barreiros aqui de Serra Talhada e comprou um terreno ai, por que sabia que ele não ia bulir.(Falante 3)*

Ou ainda sobre a perspectiva do falante 1, que esclarece a obediência do cangaceiro ao Major Lucas Donato em:

*Agora aqui ele não bulia com ninguém por causa de Luca Donato não deixava ele bulir não. Ele veio matar esse caba aqui, dixeu que ia matar [...] Ai Luca chegou e disse: Você não é nem doido, aqui não é pra você bulir em nada, se não ele tinha matado. (Falante 1)*

Portanto, é possível perceber que a ligação entre o major e o cangaceiro vai bem além de uma simples amizade, é perceptível um apoio entre os dois, no qual a palavra de Seu Lucas representava uma ordem até para o mais temido da região. Essa ligação resultava na

aproximação entre o cangaço e as localidades em destaque.

#### **4.2 Lampião, rei da valentia, herói do sertão: a construção discursiva de Lampião nas narrativas dos moradores de Caititu, Mariri e Carro Quebrado.**

Retomando as discussões em torno dos processos referenciais, vimos que Mondada, Dubois e Koch (2003) apontam que os objetos de discurso constroem uma representação de mundo. Tais representações são marcadas por questões ideológicas também, como afirma Andrade (2008). Diante dessas questões e a partir do que já foi tratado no capítulo 2, partimos para a segunda etapa da análise em que nos focaremos nos processos referenciais. Acompanhemos.

No que se diz respeito às construções discursivo-textuais construídas pelos falantes, percebe-se a presença de sintagmas nominais contido nos discursos propagados pelos mesmos. Neles o referente Lampião é construído e reconstruído a partir de tomadas e retomadas capazes de constituir diversificados discursos, como já abordado por autores como: Marcuschi (2012), Koch (2003), Brait E Souza-E-Silva (2012), Dubois (2003), Cavalcante (2013) E Andrade (2008) no decorrer do presente trabalho.

Começamos retomando algumas construções feitas pelos moradores da região ao se referirem a Lampião. O falante 1 defende que ele era “ (...) o rei da valentia”. Já o segundo falante 2 conclui: “(...) um homem forte, um grande guerreiro (...) um grande lutador. ” Ou ainda o pela visão do falante 7: “(...) muito malvado (...) maldoso”.

Nesses fragmentos, são construídas algumas representações discursivas de Lampião: o homem forte e corajoso e um homem impiedoso. Tais características atribuídas ao cangaceiro são construídas por sintagmas nominais que caracterizam o sujeito com atribuições positivas ou negativas, construindo linguisticamente o referente Lampião.

O apelo a sua valentia ainda é percebido em construções como em: “(...) o herói do sertão” (falante 1), ou ainda “o grande defensor da população” (falante 2). Aqui é possível perceber a construção de sintagmas nominais capazes de estabelecer o encadeamento discursivo e de construir uma imagem discursiva de Lampião.

Lima (2008), em sua tese, desenvolve estudos com a mesma finalidade, a autora defende em seu trabalho que: “A remissão textual realizada por meio de expressões referenciais constitui uma atividade de linguagem através da qual se constrói e reconstrói objetos de discursos.” Lima (173 - 2008). Além de que: “(...) As expressões referenciais além de desempenharem uma série de funções cognitivo-discursivas relevante na (re) construção



discursiva do cangaceiro, possibilitam uma função condensadora ao operarem uma recategorização ou focalização desse mito (LIMA, P. 173, 2008)”. A autora também discute as construções sintáticas, abordadas como: “descrições nominais”, que assim como no presente trabalho a autora também discute as construções realizadas discursivamente por meio de cadeias referenciais definidas, “rei”, “governador” (...) que remete ao poder político, “O governador do sertão”. Lima defende que, “Através dessas descrições definidas, os sujeitos trazem remissão a elementos presentes na superfície do próprio texto por eles produzidos, ou a elementos inferidos a partir de uma memória social sobre Lampião (LIMA, P. 175, 2008)”.

Assim, nos sintagmas: “rei do sertão”, “o rei da valentia”, “o rei do cangaço”, percebe-se que, na sua estruturação, elas apresentam como nome-núcleo a palavra “rei”, mas os modificadores (sertão, valentia, cangaço) remetem a características positivas atribuídas a Lampião e ao espaço em que ele circulava como se percebe nos complementos *sertão* e *cangaço*. Ao ser introduzido, em cada um dos fragmentos, o referente principal (“Lampião”) é também retomado pelos moradores ao resgatar as histórias do cangaceiro pelas expressões “um homem forte”, “um grande homem” como narra o falante 2. Entretanto percebemos que tais expressões dentro do contexto das narrativas não assumem a função de indefinição, mas marcam Lampião.

No entanto se faz pertinente compreender que determinadas conclusões são resultados de discursos tradicionalmente repassados por gerações. Os falantes procuram deixar claro que apenas reproduzem alocações, em: “Assim os mais véi contavam (...) assim meus avôs contava (...) assim meus pais contavam.” (falante 1), ou ainda: “pai contava que vinha, não foi do meu tempo não” (falante 3). Tal como Mondada e Dubois (2003) discutem, os referentes são estabilizados e construídos pelo contexto. Em nosso caso, a imagem de Lampião foi sendo construída pela tradição oral e repassada por gerações que mantêm viva a relação entre Lampião e Sr. Donato.

São notórias também as retomadas presentes nos próprios discursos, as quais constroem e reconstroem linguisticamente o referente em questão. O falante 2, em determinada parte do seu discurso, traz:

*ele era um grande defensor da população, ele era caridoso e era amigo do povo só que houve umas coisas com a família dele, aí ele andava procura de, das descobertas. (...) Ele era muito querido por essa população (...) ele nunca fez, ele nunca fez o mal aqui, pelo contrário ele fazia era assim caridade.*

Faz-se possível perceber os artifícios linguísticos utilizados pelos falantes para retomar o objeto principal do discurso, Lampião. O pronome “ele” aparece inúmeras vezes com

função de retomada, é perceptível que em um pequeno espaço de tempo o falante repete diversas vezes o mesmo elemento linguístico com o intuito de se referir ao cangaceiro. Entretanto, tais construções são marcadas por uma relação de predicação. O ele é seguido de um verbo de ligação e de predicativos. Nessa predicação, o falante vai construindo a imagem de Lampião. Nessa narrativa, o falante 2 o vê como um homem caridoso, querido pela população. Bem diferente do defendido pelo falante 7 em: “Muito malvado com o povo”, “ (...) ele maltratava o povo.”

É importante observar que o pronome “ele” é, na maior parte das ocorrências, um elemento fórico, ou seja, é usado para recuperar o referente Lampião e por meio dessa estratégia (repetição) o falante não só apresenta o referente como também o retoma. Segundo Koch & Elias (2006, p. 125-126) apud Moraes (2009, p.114), esse processo se dá por meio da Introdução; Retomada e Desfocalização:

- a. Introdução: Um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa, é posta em foco, ficando este “objeto” saliente no modelo textual.
- b. Retomada (Manutenção): Um “objeto” já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permaneça em foco.
- c. Desfocalização: Quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (stand by), ou seja, continua disponível para utilização imediata sempre que necessário.

Nesse processo de construção do referente, o falante faz uso de estratégias como a formulação referencial na qual torna-se evidente uma designação do referente mal sucedida, o que o leva a retomar várias vezes o mesmo referente. No que se trata das construções de retomada, observemos a conclusão do falante 2 que expõe:

*“Ele foi um grande homem que ele procurou defender a sua história (...). Ele foi uma pessoa muito querida, tão querida ele foi que tá na história até hoje e não vai acabar nunca, tá nos livros, tá nas pesquisas. (...) uma bravura que o sertão pussuiu e ele era respeitado, por isso que ele recebeu esse nome, por que ele não dava margem a ninguém perseguir ele, ele não queria se pai, sua mãe, seu irmão etc, etc ele só queria aquelas pessoas que ele tava sabendo quem era, ele não procurava qualquer pessoa que vinha ele ia atirar, fazer... Não existia isso não, Lampião foi um grande homem por isso tá na história, na história do Brasil. (...). Se ele tivesse aqui hoje eu ia tomara ele como padrim, abraçar e beijar ele. Gosto de gente lutador, que luta com classe. (...).”*

Dessa forma, são notórias as retomadas utilizadas pelos falantes em seus discursos, o pronome “ele” retoma ao referente construído e reconstruído pelos processos de referenciação, constituídos pelos sintagmas nominais, “o herói do sertão”, por exemplo.

Assim, ficam evidentes como os sintagmas nominais são utilizados pelos sujeitos a fim de representar entre outros aspectos o apadrinhamento político existente entre o cangaceiro e figuras ilustres da região, Lucas Donato, por exemplo. Além do apreço que a população das localidades de Caititu, Mariri e Carro Quebrado têm por Virgulino Ferreira, Lampião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa visou abordar contextualizações do cangaço brasileiro, relatando de maneira sucinta a trajetória de Virgulino Ferreira no cangaço, assim como a constituição do cangaço em terras nordestinas, buscando através dessas abordagens situar o leitor do que seria abordado posteriormente. Ora, através desses enfoques foi possível perceber a influência do cangaço no interior do Brasil, em terra nordestina em que se ouve grande parte das histórias sobre o cangaço brasileiro, narrações baseadas nas memórias e no que tradicionalmente é repassado de geração e geração.

É a partir dessas narrativas sertanejas que se fez possível identificar variedades discursivas capazes de construir o referente Lampião. Histórias repassadas por “seus pais”, “seus avôs” ou até mesmo pelos “mais velhos” possibilitam que a população sertaneja consiga relatar vivências com o cangaceiro e seu bando em terras no município de Triunfo, semiárido do estado de Pernambuco. Lá os relatos descrevem vindas de Virgulino às localidades do Caititu, Carro Quebrado e Mariri, sendo protagonista de muitas histórias locais. Do Rei do Cangaço ao Bandido Sanguinário, Lampião divide opiniões, no entanto o que foi atestado por todos os entrevistados foi sua forte relação com O coronel Sr. Lucas Donato, sujeito de grande influência da época (Década de 30). E é exatamente essa relação de amizade e respeito que nos dedicamos a investigar, deixando de lado o grande dilema: Lampião, bom ou ruim.

É perceptível em todos os discursos analisados a relação de amizade, respeito e obediência entre o cangaceiro e o coronel, resultando em um apadrinhamento político entre Virgulino Ferreira e a população local. O falante 4 relata essa relação da seguinte forma:

*(...) tinha uma família (...) na direção que vai para Canaã tem uma casa bem grande e ali tinha um esconderijo dele (...) família de Seu Luca Donato (...) ele acolhia e Lampião obedecia a ele. Inclusive ele carregou, não ele, o povo dele, o bando carregaram uns animal aqui de uns ti meu, ai Lampião pegou de volta e devolveu. Tudo com intermede de Seu Luca, por Seu Luca era muito amigo dele, ai ele dominava o bando.*

É através desse apadrinhamento que se fez possível tantas histórias sobre o assunto, é dessa ligação que nasce a relação entre a população local e o cangaço, possibilitando assim arcabouços históricos para ser trabalhados até os dias de hoje, possibilitando discursos que se fazem possíveis, estudos direcionados à construção textual e referenciação em perspectiva discursivas, possibilitado assim trabalhar o texto em suas vertentes comunicativas, assim como a influência da contextualização em práticas discursivas, os processos referenciais nas

construções discursivas, não deixando de lado os elementos influentes na construção do referente, como a importância ideológica em processos referenciais.

Baseado nesses enfoques teóricos foi possível desenvolver um trabalho que visou identificar nos discursos analisados construções sintáticas capazes de construir e reconstruir um sujeito através de processos referenciais. Com enfoque nos sintagmas nominais, buscamos compreender linguisticamente suas construções assim como suas contribuições na construção do sentido. “O rei do sertão”, por exemplo, constitui-se em um sintagma nominal capaz de caracterizar, proporcionando ao leitor imediata referência ao cangaceiro Lampião. Constituem-se assim em elementos linguísticos presentes no discurso e capazes de construir o referente.

O trabalho visou exatamente compreender o apadrinhamento político estabelecido para o cangaceiro pelos moradores das localidades em questão, buscando nas narrativas os processos referenciais utilizados para tal compressão.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. **Processo de referenciação e representação ideológica** In: MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). *Enunciação e Gênero Discursivo*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRAIT, Beth e SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.
- BAUER, Martin W. GASKELL George **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático I** (editores); tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães e LIMA, Silvana Maria Calixto. **Rereferenciação: teoria e prática** São Paulo: Cortez, 2005.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião, o rei dos cangaceiros*. Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Coleção Estudos brasileiros; v. 46) Tradução de: The bandit king, Lampião of Brazil. Apud: LIMA, Geralda. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião / Geralda de Oliveira Santos Lima**. - Campinas, SP: [s.n.], 2008.
- CONRADO, Juarez. **A última semana de lampião**. Aracaju: Sercore, 1983.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1979.
- DUBOIS, Daniele. **Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação**. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. P. 17-52. (Clássicos da Linguística).
- DUTRA, Wesley Rodrigues. **Nas trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações**. João Pessoa, 2011.
- GOMES, Karolina. Et.al. **Lampião, Virgulino e o mito - 70 anos do fim do Cangaço**, 2008.
- HOBBSAWM, E, J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- KOCH, Ingedore G. Villança. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore G. Villança. **Introdução á Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **REFERENCIAÇÃO: um fenômeno textual-discursivo dos mais relevantes para o ensino da leitura e da escrita**. Campinas, SP – 2008.
- LIRA NETO, João. O Dragão da Maldade. **Revista Aventuras na História**, ed. 60, p.26-35, Junho de 2008.
- LIMA, Geralda. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o**

**cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião** / Geralda de Oliveira Santos Lima. - Campinas, SP: [s.n.], 2008.

MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião, seu tempo e seu reinado: a guerra de guerrilha**. 2. ed. Petrópolis, 1988.

MANZINI, Eduardo José. 20?? Disponível em: [http://www.oneesp.ufscar.br/texto\\_orientacao\\_transcricao\\_entrevista..](http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista..) Acesso em: 18/06/18 às 11h05min.

MANZINI, E. J. **Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados**. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. Pesquisa e educação especial: mapeando produções. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386. Apud. MANZINI, Eduardo José. 20?? Disponível em: [http://www.oneesp.ufscar.br/texto\\_orientacao\\_transcricao\\_entrevista..](http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista..) Acesso em: 18/06/18 às 11h34min.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização**.- 8 ed. São Paulo, Cortez, 2007.

MELLO, Frederico Pernambuco de. **Quem foi Lampião**. Recife: Stahl, 2004.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência**. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (Orgs.). Referência. São Paulo: Contexto, 2003. P. 17-52.

MORAES, Rachel Maria Campos Menezes de. **Progressão Referencial e Anáfora em Textos Oraís**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2009.

PRETI D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. 2. ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983. Apud MANZINI, Eduardo José. 20?? Disponível em: [http://www.oneesp.ufscar.br/texto\\_orientacao\\_transcricao\\_entrevista..](http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista..) Acesso em: 18/06/18 às 11h46min.

## ANEXOS

### ANEXO 1

**FALANTE 1: E A S (72 anos).**

**ENTREVISTADOR:** Serra, Serra Talhada é conhecida como a capital do xaxado, a terra de Lampião, o senhor já ouviu falar de Lampião?

**FALANTE 1:** Meus pais falava... Ele o era o rei da valentia, cangaceiro (...). Lampião não matava ninguém (...) ele matava se bulice com ele.

**ENTREVISTADOR:** O senhor se lembra de alguma história dele, se ele passou por aqui?

**FALANTE 1:** Lampião passou muito aqui, passou aqui nessa casa aqui, assim meus pais diziam, que ele rezou na estrada aqui, ele e os cangaceiros (...) ele passou tavam rezando no meio da estrada ai ele rezou também. (...) Ele era católico, meu padim Ciço gostava dele. (...) Ele só bulia com a pessoa se mexesse como ele, não andava matando adoidado ninguém não, agora se mexesse [...].

**ENTREVISTADOR:** E por aqui?! Mariri, Carro Quebrado, enfim... Lampião mexia em alguma coisa?

**FALANTE 1:** Não! Tinha um véi ali em baixo que não deixava ele mexer não (...). Era o véi Luca Donato

**ENTREVISTADOR:** Ele era família de Lampião?

**FALANTE 1:** (...) ele era amigo, né? Lampião passava lá pra cumer, armoçar, dormir.

**ENTREVISTADOR:** Então aqui era um porto seguro de Lampião?

**FALANTE 1:** Era! Alí na casa do véi Luca (...) ele cumia lá, armoçava e matava um bode pra eles cumerem, assim meus pais contavam.

**ENTREVISTADOR:** E ele andava sozinho?

**FALANTE 1:** Lampião? Mais os cangaceiros (...). E a muiet mais ele, a Maria Bonita.

**ENTREVISTADOR:** E esse Seu Lucas era o que aqui na região? Tinha mais influência, tinha mais dinheiro...

**FALANTE 1:** Ele era um bichão, antigamente que tinha umas coisinhas era major, major Luca Donato. Morava no Carro ali. Só que eu não conheci não, meus avós era quem contava. Tô contado o que meus avós, isso é há muitos anos (...). Quando Lampião saia, a pulícia chegava na casa atrás de Lampião.

**ENTREVISTADOR:** E quem dizia a pulícia?

**FALANTE 1:** (...) A pulícia tinha medo dele.



**ENTREVISTADOR:** E por aqui? O senhor lembra alguma história que seus pais contavam, alguma briga?

**FALANTE 1:** Não... Ele veio matar uma caba ali, mas o véi Luca Donato não deixou não (...). Por que ele mandou pedir um dinheiro a ele e ele mandou um desaforo pra ele (...). E se mandasse desaforo ele vinha matar (...). Morava um véi em cima da Serra, ele mandou pedir um conto de réis a ele, pra ele cumer, ajudar na luta dele, né?! Ai ele não tinha, mandou uma carta bem feita dizendo que não tinha, ele veio e agradeceu a ele, porque ele mandou a carta bem feita, ele disse: eu não posso mandar esse dinheiro não (...). Ele mandou pedir um dinheiro a uma véia lá pro lado de Vazinha, assim os mais véi contavam, ai o véi mandou um desaforo. A mãe dos lá tinha oito fi, né? Ai mandou um desaforo, disse que tinha oito fi armado de rife para matar ele, ela tinha uma loja nessa, nessa, assim meus avôs contava. Ela tinha uma loja lá em Vazinha vendia tecido, né?! Ai ele chegou lá, foi lá por cauda do desaforo que ela manou ai butou fogo na loja, correu todo mundo. (...) disse que o dinheiro que tinha era rife e bala pra ele. Mais quando ele chegou correrem (...) foi lá na loja e butou fogo, assim meus pais contavam. Ai disse que um caba pegou um fardo de roupa bem pesado, pra carregar, né? Pegou ai quando foi pegar não pode, ai ele disse agora você tem que levar caba, ou leva ou morre, ai o caba jogou nas costas ai saiu, ai chegou lá, oh, eu posso butar a baixo?! Ai ele disse: bote agora, bote abaixo ai agora, você é guloso, quer levar muito, agora ou você leva ou morre. (...) Queimava tudo, queimou um currá de gado em Bom Nome, tem até um lugar chamado Currá Queimado.

(...)

Ele não bulia com ninguém, agora se dissesse uma piadinha, um desaforo, ele matava mesmo. Agora aqui ele não bulia com ninguém por causa de Luca Donato não deixava ele bulir não. Ele veio matar esse caba aqui, dixeu que ia matar [...] Ai Luca chegou e disse: Você não é nem doido, aqui não é pra você bulir em nada, se não ele tinha matado.

**ENTREVISTADOR:** Então de não fosse esse Lucas Nonato aqui, ele tinha feito muita coisa, tinha muita história agora pra contar?

**FALANTE 1:** Ele tinha matado, tinha matado de certeza, mas não buliu não, não matou não.

**ENTREVISTADOR:** Tem a história de um sal também, né?!

**FALANTE 1:** Foi Lampião que chegou numa casa mais os cangaceiros, ai mandou a mulher fazer a comida, a mulher com medo, né?! Cangaceiro que nem o diabo, ela butou muito sá na carne, acho que foi na carne, mandou matar um bode pra cuzinhar pra comer, ela sargou o dicumé lá, ai quando tavam cumendo, ai em conversa um disse: o dicumé tá ruim porque tá sargado, ai Lampião disse: homi cri vergonha, a muier cuzinhar e você ainda tá reclamando.

Oh dona ainda tem sá ai, tem. Pegue sá ai, danou sá no prato do cangaceiro e fez ele cumer até topar, disse agora você vai cumer sá, cumer calado que nem ou outros, ai ele cumeu sá até topar.

(...).

Ele tinha os canto dele de cumer, onde durmia. (...)

**ENTREVISTADOR:** Ele sempre andava por aqui, mas não mexia com ninguém?!

**FALANTE 1:** Não mixia, se mexesse com ele. Ele não robava de ninguém pedia um dinheiro a quem tinha (...) mandou pedir a Luiz Horácio, véi Luiz Horácio escreveu uma carta bem feita, pra dizer a ele que não tinha o dinheiro pra dá ele, não podia, né?! Vei aqui agradecer, disse o senhor não pode, mandou uma cartinha bem direitinha, não mandou desaforo, tá perdoado. Mas ele vei bater ai, assim os mais véi contava.

**ENTREVISTADOR:** Uns fala que Lampião era bandido, outro falar que Lampião foi um herói, para o senhor? [...].

**FALANTE 1:** Lampião foi o herói do sertão, né?! (...)

**ANEXO 2****FALANTE 2: J.U.S. ( 76 anos)****ENTREVISTADOR:** Quando o senhor era mais jovem, frequentava Serra Talhada, já ouviu falar em Lampião?**FALANTE 2:** Já! vi falar que o véi meu pai contava (...). Lampião era uma pessoa, contava pai, que não bulia com ninguém, ele chegava ou mandava um dos criados, vá na casa de fulano de tal diga a ele que me mande essa importância, aqui no Carro por causa de Seu Luca, Luca Donato.**ENTREVISTADOR:** Seu Lucas era o que dele?**FALANTE 2:** Era conhecido, mas era do governo, Seu Luca e ele apoiava Lampião (...) por o véi Luca Donato, ele pedia que da ladeira do Tamanduá os Sacos dos Bois antigamente, não é para bulir em ninguém, correram até os inimigos dele daqui do Riacho dos barreiros aqui de Serra Talhada e comprou um terreno ai, por que sabia que ele não ia bulir.**ENTREVISTADOR:** Era uma região que Lampião não mexia justamente por causa desse homem que protegia, apaziguava a situação?**FALANTE 2:** Quando Lampião chegava ele matava bode fazia o armoço (...) na casa de Seu Luca, era uma casarão grande...isso era uma doidiça, que faz pena ter desmanchado uma casa daquela, muito bem feita... Ai ninguém mora aqui, tinha os inimigos dele que queria ir... lá, e seu Luca não deixava (...).**ENTREVISTADOR:** Ai eles andavam só no bando ou andava sozinho?**FALANTE 2:** O bando era cento e muitas pessoas (...) Ai quando eles almoçava, ai eu conheci o véi Paniqué, e era um dos criado do véi Luca, quando eles almoçava, ai se ajeitava, ai Seu Luca dizia: Óh Paniqué vai dizer a pulícia que Lampião tá aqui, mas pra ir de cavalo daqui pra Triunfo e eles ia, ai quando a pulícia chegava, ele dizia: oia os pratos ainda tão ai, vamos cumer que ainda tem mais dicumer e ele mentia, se Lampião descesse pra ai ele dizia que tinha subido.**ENTREVISTADOR:** No caso ele apaziguava a situação, ele era um pouco amigo de Lampião e do governo?**FALANTE 2:** (...) Ele era Major do governo, não é? Era Major (...).**ENTREVISTADORE:** Quando ele vinha assim ele avisava ou não?**FALANTE 2:** Não! Na casa de Seu Luca ele chegava, de vez em quando ele vinha, pai contava que vinha, não foi do meu tempo não.

**ENTREVISTADOR:** E esse dinheiro que ele mandava pedir e se a pessoa não tivesse?

**FALANTE 2:** Mandava o que tinha. Eu só tenho esse, ai mandava e ele ricibia (...) se não mandasse ou fosse com desaforo, ai coisa não prestava não. Tinha uma tia minha que era casada com Zé Firino (...) ele dizia o diabo sabia que Seu Luca não deixava ele vir. Ai ele mandava dá a resposta, ai Lampião dizia: Óh ti Luca deixa eu ir lá na casa de Zé Firino eu não vou matar ele não, só quero botava uma cangaia e umas espora boa e eu montar e esporar ele (...) Ai Seu Luca não deixava, não! Deixa, deixa isso pra lá, não vá não.

**ENTREVISTADOR:** Então lampião era bem temido aqui, mas esse seu Luca conseguia ter mais autoridade do que lampião, ainda?

**FALANTE 2:** Era ...

**ENTREVISTADOR:** Se fosse pra classificar Lampião hoje na opinião de vocês, ele herói ou bandido?

**FALANTE 2:** Bandido era não era não, ele era por que quando mataram o pai dele, irmão e tudo, ele arrumou uns caba bom e entraram nessa, pro cangaço (...). O veí meu pai contava que era gente boa, viu?! Tratava todo mundo por amizade, agora ninguém dissesse coisa que ele achava ruim. (...)

**ENTREVISTADOR:** Pra vocês por que Lampião se tornou essa história que é?! Esse símbolo (...) por que será que depois de tantos anos que ele morreu e em tantos lugares que ele nunca nem foi falam tanto de Lampião, por quê?

**FALANTE 2:** Quer dizer que esse homem não era bandido, se fosse bandido quem ia falar no nome de um caba desse (...).

### ANEXO 3

**FALANTE 3: M.M.S. 76 ANOS**

**ENTREVISTADOR:** E de Lampião? Já ouviu falar em Lampião?

**FALANTE 3:** Vi falar, não é do meu tempo, mas ouvi falar, viu?!

**ENTREVISTADOR:** Ouviu falar o que de Lampião?

(...)

**FALANTE 3:** Lampião andava aqui nesses sítios, passou aqui ainda.

**ENTREVISTADOR:** Passou?! Lampião andava por aqui mesmo?

**FALANTE 3:** Passou aqui nesses lugar, ai tem um povo aqui no Carro, um vei, que era chamado o vei Luca, então a pulícia entrava atrás de Lampião, vi os mais vei contando. E Lampião com medo da Pulícia e a pulícia com medo de Lampião. Quando chegava na casa do vei Luca, a pulícia pedia o vei, Lampião putava a baixo, matava o bode pra ele cumer.

(...)

**ENTREVISTADOR:** Seu Lucas era o que dele?

**FALANTE 3:** Era amigo, amigo, era amigo. Ai dava dicumer a tudo, ai iam simbora, cum pouco chegava a pulícia. Matei bode pra Lampião! Ai disse? Mais você apoiou Lampião? Ai disse: mato para vocês também, bote abaixo.

**ENTREVISTADOR:** Quer dizer que acobertava um lado e o outro?

**FALANTE 3:** O outro, ai ajeitava um lado e o outro, ai eu vou contar outras história, tinha o major e quando era bem cedo tocava uma corneta e juntava aquela tropa pra ir atrás de Lampião, ai quando foi uma noite, um cabo vei, com experiência, ai um dia de noite, ai bebendo mais Major, sabe quem?!

**ENTREVISTADOR:** Quem?

**FALANTE 3:** Lampião e Maria Bunita. (..)

**FALANTE 3:** Ai quando foi bem cedo sucedeu, tocou a buzina e chamou mesmo a tropa daquele cabo, junta a pulícia, sua tropa pra mode ir atrás de Lampião, e ele tava lá no meio.

(...) Vivia nessa luta, Lampião tava aqui, menina, vamo supor: a pulícia chegava ali no Carro e não vinha brigar não.

**ENTREVISTADOR:** Mas Lampião andava por aqui mesmo?!

**FALANTE 3:** Passava, passava por aqui.

**ENTREVISTADOR:** Não fazia coisa errada aqui não?!

**FALANTE 3:** Não! Mas eu não sei... Errado não! Que Lampião só fazia quem dissesse pirela com ele.

**ENTREVISTADOR:** Se não mexesse com Lampião, Lampião também não mexia?

**FALANTE 3:** Se não mexesse, ele guardava o lugar... Agora se dissesse qualquer lorota, ai podia se aprontar.

**ENTREVISTADOR:** O senhor sabe história de alguma lorota que alguém falou?

**FALANTE 3:** Com ele?

**ENTREVISTADOR:** Sim! Que Lampião...

**FALANTE 3:** Ai tem uma história de um povo aqui... Com um homi que chamava Zé Florentino, que tinha doze filho, tudo homi. E então Lampião mandou pedir um negócio.

**ENTREVISTADOR:** Ele mandava pedir dinheiro?

**FALANTE 3:** Mandava pedir ao povo dinheiro.

**ENTREVISTADOR:** Mas só a quem tinha?

**FALANTE 3:** A quem tinha, sabia que tinha, né?

**ENTREVISTADOR:** E quem não tinha pra mandar?

**FALANTE 3:** Que não tinha... Mandou pedir ao meu avô que morava aqui no Mariri alí, mandou pedir um dinheirinho, ai esse ti meu, esse ti mesmo que eu morei com ele, ai ele escreveu uma carta bem notada, que não podia que só podia butar aquela quantiazinha, ele não. Agora mandasse dizendo qualquer pirela, podia se aprontar.

**ENTREVISTADOR:** E essa mulher que tinha doze filhos homem fez o que?

**FALANTE 3:** Lampião mandou pedir um negócio, ai ele disse que tinha doze filho homi, disse até outra coisa, viu?! ai mandou dizer. Ai espaiou a famia dele todinha correu todo mundo (...) subia e butava pra correr, ou brigar ou morrer tudo da famia. Se mandasse pirela, agora se não mandasse ele respeitava.

**ENTREVISTADOR:** Então Lampião não mexia no que estava quieto?

**FALANTE 3:** Não, não... Agora se dissesse qualquer pirela ai podia se aprontar.

(...)

**ANEXO 4****FALANTE 4: M.U.S. ( 83 anos)****ENTREVISTADOR:** Falando de Serra Talhada, falando da região, você já ouviu falar em uma figura chamada Lampião?**FALANTE 4:** Lampião já, cangaceiro, isso ai o povo falava muito (...) Lampião aqui não enfrentava nada e com ninguém.**ENTREVISTADOR:** Lampião não mexia em nada aqui?**FALANTE 4:** (...) o véi Luca não deixava nada, ele fazer nada aqui.**ENTREVISTADOR:** Ai Lucas Donato era o que de Lampião?**FALANTE 4:** Diz que ele era padrim de Lampião (...) ele vinha ora casa dele ai, diz que festa era grande, matavam um bode, porco e comia depois ia embora, dai mandava um canganho dele ai im Triunfo, Lampião, Lampião deve aqui, ai diz que a pulícia vinha, a quando chegava pra que lado ele deu?! Ele tinha mandado ele ir pra outro canto, ele deu aqui.**ENTREVISTADOR:** Essa amizade era justamente pelo parentesco, então ele não mexia em nada aqui?**FALANTE 4:** Ele não mexia em nada por que seu Luca não deixava.**ENTREVISTADOR:** Se não fosse Seu Luca, será que ele fazia alguma aqui?**FALANTE 4:** Se não fosse ele fazia, por que ele vinha atrás de uns Florentino que tinha ali que mora aqui por lado não sei de onde, ali de Betânia, esses mundo, ai os Florentinos correram ai, ai ele chegou pra fazer coisa ruim com eles, ai Seu Luca falou: não, aqui você não bole com ninguém.**ENTREVISTADOR:** Então se Lampião tinha autoridade, Seu Lucas Donato tinha mais ainda?**FALANTE 4:** Por que ele atendia Seu Luca.**ENTREVISTADOR:** Lampião andava sozinho ou em bando?**FALANTE 4:** Ele?! Andava com a turma dele (...).**ENTREVISTADOR:** Se fosse para falar de Lampião hoje, Lampião tinha mais parte boa ou mais parte ruim?**FALANTE 4:** Lampião nem era bom nem ruim, nesse ponto, quer dizer ele vivia disso, mandava pedir uma coisa a um, se não desse ai ele ia lá na casa perguntar, saber por quê, porque não.

(...)

Malvado ele era, mas aqui no lugar mesmo não ofendeu a ninguém não. Ai pro fora, né que

nem eu tô dizendo, tem esses Florentino pra lá ele mandou o véi o véi o véi Isidoro, também não conheci não, que era dono de uma fazenda, e uma loja e tudo, ai mandou pedir não sei o que, ai eles mandaram dizer que se quisesse ir para lá brigar, fosse. Ai ele foi, né? (...) eles trocaram tiro, dai depois diz que correram ai ele foi e butou fogo na na cerca dele, na loja e queimou tudo e eles vieram pra aqui, ai ele vei atrás, quando chegou ai, Luca disse: não boli com eles não.



**ANEXO 5****FALANTE 5: M.F.N. ( 85 anos)****ENTREVISTADOR:** Se a senhora frequenta Serra Talhada, já ouviu falar numa figura chamada Lampião?**FALANTE 5:** Já!**ENTREVISTADOR:** O que a senhora já ouviu falar?**FALANTE 5:** De lampião, eu pelo menos só sei as historias que ouvi contando. (...) Até mermo aqui perto tinha uma casa e tinha um esconderijo dele (...) ele andou muito por aqui.**ENTREVISTADOR:** Ele tinha família aqui?**FALANTE 5:** Não! Era o conhecimento.**ENTREVISTADOR:** Tinha alguma família aqui em específico que acolhia ele, ou em qualquer casa que ele chegasse era bem acolhido?**FALANTE 5:** Não, tinha... tinha uma família (...) na direção que vai para Canaã tem uma casa bem grande e ali tinha um esconderijo dele (...) família de Seu Luca Donato (...) ele acolhi e Lampião obedecia a ele. Inclusive ele carregou, não ele, o povo dele, o bando carregaram uns animal aqui de uns ti meu, ai Lampião pegou de volta e devolveu. Tudo com intermede de Seu Luca, por Seu Luca era muito amigo dele, ai ele dominava o bando.**ENTREVISTADOR:** Então por aqui Lampião só vinha a passeio, não mexia com ninguém?**FALANTE 5:** Não mexia com ninguém (...) Aqui ele não fazia mal a ninguém por causa de Seu Luca.**ENTREVISTADOR:** E quando ele mexia, ele mexia de que forma? Ele batia, ele roubava, ele matava?**FALANTE 5:** Roubava! Não ele, os comandantes dele, não era ele, os cangaceiros (...) até numa época eles trocaram tiro cum o ti meu (...) por causa desses animal (...).**ENTREVISTADOR:** O próprio Lampião ou foi o bando?**FALANTE 5:** O bando, mas não chegou a acontecer nada (...)**ENTREVISTADOR:** Então se não fosse seu Luca aqui, talvez...**FALANTE 5:** Tivesse acontecido alguma coisa pior**ENTREVISTADOR:** Então Lampião divide opiniões, na opinião da senhora, Lampião era?**FALANTE 5:** Ele não era mal, por que os cangaceiros dele é quem fazia as maldade, agora que muitas ele concordava e outras não, as pessoas que ele gostava ele concordava (...)**ENTREVISTADOR:** Então se a gente fosse definir Lampião na opinião da senhora?**FALANTE 5:** Eu não tenho, nunca tive ele como bandido não, por que ele obedecia a Seu

Luca e ele nunca fez maldade aqui.

**ENTREVISTADOR:** Depois de tanto tempo que Lampião morreu, por que ainda falam tanto de Lampião?

**FALANTE 5:** (...) Assim, por que ele era uma pessoa que, por acaso se ele viesse no sentido de fazer algum mal a uma pessoa daqui e Seu Luca tomasse a frente, ele ele ele ele voltava, por isso que eu não quero que ele fosse mal.

**ANEXO 6****FALANTE 6: M.G.V. S. ( 71 anos)****ENTREVISTADOR:** Se andava muito em Serra, já ouviu falar numa figura chamada Lampião de lá?**FALANTE 6:** Ave, Maria... Eu passei foi 10 anos na casa onde trabalhavam pra Lampião e era família de Lampião... É dos Ferreiras de Lampião (...)**ENTREVISTADOR:** E o que a senhora sabe de Lampião?**FALANTE 6:** Aaaa, de Lampião eu sei pouca coisa, aqui Lampião andava! Lá na minha bisavó, se hospedava na casa da minha bisavó (...) que tinha um engenho que era movido a braço, era um engenho, ai ele gostava por que minha vó, minha bisavó ela ricibia ele e toda família...**ENTREVISTADOR:** Mas eles eram família?**FALANTE 6:** Não! Eles não eram família não é por que se conquistaram, por que a minha bisavó, o nome dela era Zefinha, a minha bisavó era uma senhora que não tinha, ela era muito de rezar, falar com Deus, mas ela não tinha medo de nada que surgisse na frente dela, ela, tudo dela, ela tava com o direito dela, era aquela história, aquele pessoal que sustenta que aquilo e que não ofende a ninguém. (...)**ENTREVISTADOR:** Ai ele frequentava muito aqui?**FALANTE 6:** Ai ele vinha, eu não era nem nascida, né?! Ai tinha os dias dele vim (...)**ENTREVISTADOR:** Ele avisava quando vinha?**FALANTE 6:** Ele avisava, tinha os mensageiros, as pessoas de mandar dizer, diga a ela que guarde uma cesta de ovos pra mim que eu vou passar lá e levo uns peixes pra ela fazer pra nós almoçar, ai ela esperava.**ENTREVISTADOR:** Ele sempre vinha sozinho ou acompanhado?**FALANTE 6:** Ele tinha uns amigos, eu só não sei quem era, né? Os amigos e também não sei dizer se Maria Bonita andava com ela aqui, pra cá. Eu não sei se Maria Bonita surgiu depois, por que Maria bonita tá na história, né? ::::: mas ele era bem acolhido e também ai nessa população também, os mais velhos daqui do Carro Quebrado também gostavam muito dele, ele era querido. E o povo tinha era medo dele, por onde sabia que ele passava ou que ia passar, com quatro dias, ou com cinco não iam por aquela estrada como medo de se encontrar com ele. Por que era chamado de Lampião já por conta de umas histórias dos antepassados da vida dele, né? Com as famílias dele, de uma história muito longa.**ENTREVISTADOR:** Mas histórias por aqui, que Lampião chegou na casa de alguém,

alguma coisa, a senhora sabe de alguma coisa? Lembra de alguma coisa?

**FALANTE 6:** Não... Aqui, aqui nessa redondeza como chamavam é... eu não sei se acontecia por que é ... ele dizia a todo mundo que o filho do Carro Quebrado ele não tinha nada a resolver como eles, ele só queria o apoio, deixasse ele viver, ele passar nas casas das pessoas (...)

**ENTREVISTADOR:** Então aqui era uma questão de acolhimento, ninguém era obrigado a acolher Lampião?

**FALANTE 6:** Não! De livre e espontânea vontade, ninguém era obrigado. E se fosse hoje (...) eu como assim... filha do lugar, eu como filha do lugar não fazia questão de receber ele não, por que ele era um grande defensor da população, ele era caridoso e era amigo do povo só que houve umas coisas com a família dele, ai ele andava procura de, das descobertas. (...) Ele era muito quirido por essa população (...) ele nunca fez, ele nunca fez o mal aqui, pelo contrário ele fazia era assim caridade. (...)

**ENTREVISTADOR:** Então aqui, por aqui Lampião era bem visto?

**FALANTE 6:** Lampião não foi... Ele teve esse nome de Lampião até por que ele disse que tinha uma história de família, uma história diferente, que não era com essa região, ai o pessoal não entendia bem, nessa época não tinha muita notícias, rádio, televisão, telefone, essas coisas pra tá dando notícia, ai as notícias que surgiam era a s primeiras, lampião está a procura de quem fez isso com o pai dele, Lampião está a procura de quem fez isso com fulano de tal, mas ai...

**ENTREVISTADOR:** Então Lampião só mexia com que ele tinha algo a cobrar?

**FALANTE 6:** A cobrar... Ele não chegava onde tinha uma equipe (...). Ele já notava na fisionomia do pessoal que o pessoal quando via ele ficava... Ai ele: se acalme todo mundo, eu sou do bem, eu quero o bem a todo mundo e podem ficar tranquilo, que eu só estou passando (...).

**ENTREVISTADOR:** Se eu perguntasse à senhora quem foi Lampião? Como a senhora poderia me resumir? Na opinião da senhora...

**FALANTE 6:** Lampião foi um homem forte, um grande guerreiro que soube lutar pelos direitos da família dele a que cabia a ele. Um grande lutador, um guerreiro, um guerreiro bom, por que ele não pisiguia as pessoas, ele só fazia as coisas do outro lado, os erros, chamam. Chamam erro, mas não era erro, na época era uma vingança, tanto e que quando o povo sabia que ele ia passar naquela região, á não apareciam tudo com medo dele, ele dizia: não tenham medo de mim, não faço mal. E como de fato, só quando ele via, dizem né... Só quando ele via algum, algumas coisas parecida com o que estava sendo perseguidor que ele ficava na

expectativa (...) ele foi um grande guerreiro é que fica na história assim... Que ele foi um matador de gente, que ele foi um vingativo, que ele foi um tudo, mas é necessário que muitas pessoas procurem saber a historia deles mais ou menos (...) a que ele andava a procura, né? Ele também não andava sozinho, tinha os amigos dele (...).

**ENTREVISTADOR:** Pra finalizar, na opinião da senhora quem foi Virgulino Ferreira, Lampião?

**FALANTE 6:** Ele foi um grande homem que ele procurou defender a sua história, defender o seu mundo e defender as suas famílias, pra muita gente isso não é muito certo, mas que na verdade no mundo de hoje, no momento que eu estou, conversando com você o certo é isso, e quem não defende o seu, mesmo errado?! O pai defende seu filho mesmo que esteja errado (...). Ele foi uma pessoa muito querida, tão querida ele foi que tá na história até hoje e não vai acabar nunca, tá nos livros, tá nas pesquisas. (...) uma bravura que o sertão pussuiu e ele era respeitado, por isso que ele recebeu esse nome, por que ele não dava margem a ninguém perseguir ele, ele não queria seu pai, sua mãe, seu irmão etc, etc ele só queria aquelas pessoas que ele tava sabendo quem era , ele não procurava qualquer pessoa que vinha ele ia atirar, fazer... Não existia isso não, Lampião foi um grande homem por isso tá na história, na história do Brasil. (...). Se ele tivesse aqui hoje eu ia tomara ele como padrim, abraçar e beijar ele. Gosto de gente lutador, que luta com classe. (...).

**ANEXO 7****FALANTE 7: S.A.S. ( 82 anos)****ENTREVISTADOR:** Tinha um cara que andava nessa região chamado de Lampião, a senhora já ouviu falar?**FALANTE 7:** Sim, que Lampião era muito malvado com o povo, né?! Quando ele chegava o pessoal tinha medo, se escondia, ele, sempre ele vinha por aqui que ele tinha família aqui, assim, amigo, pai, o avó de João Clementino, era a favor dele, ai ele se apoiava lá (...) por ali na casa de Seu Donato.**ENTREVISTADOR:** Ele frequentava muito aqui?**FALANTE 7:** Ele frequentava ele vinha, às vezes quando ele queria fazer alguma maldade com uma pessoa, sempre ele escutava muito ele, ai ele pedia pra ele não fazer...**ENTREVISTADOR:** Ai esse cara, esse senhor era o que de Lampião? Tinha algum parentesco?**FALANTE 7:** Não, ele era amigo, ele era o avó de João Clementino, tinha a casa ai, ai dava apoio a ele (...) dava apoio a ele (...).**ENTREVISTADOR:** Ele vinha com muita frequência para cá?**FALANTE 7:** Ai quando ele vinha o pessoal se ajustava tudo, corria, escondia os animais na mata...**ENTREVISTADOR:** Ele vinha sozinho ou vinha com os cangaceiros?**FALANTE 7:** Ele vinha com os cangaceiros dele, andava só não...**ENTREVISTADOR:** Por aqui ele “bagunçava” muito?**FALANTE 7:** Por aqui não! por aqui ele bagunçava lá pro lado do... Aqueles lados lá de baixo, assim... que... Aqui pra cima ela não tinha muito (...). Quando o pessoal via que ele tinha chegado, papai dizia só ouvia os estraladeiros dos cascos dos animais dos animais, correndo pra esconder.**ENTREVISTADOR:** Mas ele avisava quando vinha?**FALANTE 7:** Chegava de supetão, já tinha o vizim que saia avisando. (...) Ai o pessoal tinha medo, ele era maldoso.**ENTREVISTADOR:** O que ele fazia de tão maldoso?**FALANTE 7:** Ele butava espora nos pé dele e montava nos, nos, nos povo que ele não gostava e esporava (...) tinha um homem aqui que ele fazia, só que essas coisas ele não gostava, tinha um homem ai que ele não gostava muito dele (...).**ENTREVISTADOR:** Tem mais alguma história que a senhora saiba de Lampião, que

alguém contou que a mãe da senhora contava ou o pai, mais alguma história que chegou até a senhora?

**FALANTE 7:** Eles contavam assim, que ele fazia, se amoitavam pelos matos, matava bode onde achava, assavam, mas quando via pantim da pulícia eles curria e deixava tudo e curria... Trocavam tiro... (...)

**FALANTE 7:** Ele ficava apoiado na casa de Luca Donato e ele não deixava ele, ele tinha os amigos dele . Ele só fazia se apoiar lá.

**ENTREVISTADOR:** Por aqui, o que se tem de Lampião era bom ou ruim?

**FALANTE 7:** Ruim! Ele era ruim, ele maltratava o povo, né?!

## APÊNDICES

### APÊNDICE I

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

##### Questões de apresentação do entrevistado

- ✓ Nome:
- ✓ Idade:
- ✓ Naturalidade:
- ✓ Residência:
- ✓ Escolaridade:
- ✓ Profissão:
- ✓ Já saiu dessa região? (pra onde e por quanto tempo)

##### Questões que nortearam as entrevistas

- ✓ Já ouviu falar de Lampião?
- ✓ Alguém já te contou alguma história sobre Lampião?
- ✓ Lembra-se de alguma história que já ouviu falar a respeito de Lampião.
- ✓ Para o senhor (a) quem foi Lampião? Por quê?



**APÊNDICE II****TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_  
participei da pesquisa intitulada: DO GUERREIRO DOS SERTÕES AO BANDIDO SANGUINÁRIO: A COMPLEXIDADE EM PROCESSOS REFERENCIAIS E TEXTUAIS PRESENTES NO IMAGINÁRIO DO CANGAÇO EM NARRATIVAS SERTANEJAS DA REGIÃO DO PAJEÚ, na qual foram investigados e analisados elementos referenciais e textuais no processo de difusão da imagem de Lampião em município da região do Pajeú. A partir da realização de entrevistas semiestruturadas, fui informado que os desconfortos são mínimos e podem incluir somente a não explicitação das minhas ações em situação de trabalho. A pesquisadora deixou claro a confiabilidade de minhas respostas e dos procedimentos adotados para realização da pesquisa. Fui informado do nome e endereço de e-mail do investigador que pode ser contatado facilmente.

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Triunfo-PE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura ou digital do (a) Voluntário (a) ou responsável Legal

---

Assinatura do responsável pelo estudo.